



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JULIANA SILVA NUNES**

**ETNOGRAFIA DAS ESTRATÉGIAS DE VIVÊNCIA DE  
AGRICULTORES FAMILIARES NA COMUNIDADE CHAPADA NO  
MUNICÍPIO DE IMACULADA - PB**

**SUMÉ - PB  
2024**

**JULIANA SILVA NUNES**

**ETNOGRAFIA DAS ESTRATÉGIAS DE VIVÊNCIA DE  
AGRICULTORES FAMILIARES NA COMUNIDADE CHAPADA NO  
MUNICÍPIO DE IMACULADA - PB**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais do  
Centro de Desenvolvimento Susten-  
tável do Semiárido da Universidade  
Federal de Campina Grande, como  
requisito parcial para obtenção do tí-  
tulo de Licenciada em Ciências Soci-  
ais.**

**Orientador: Professor Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.**

**SUMÉ - PB  
2024**



N972e Nunes, Juliana Silva.

Etnografia das estratégias de vivência de agricultores familiares na comunidade Chapada no Município de Imaculada - PB. / Juliana Silva Nunes.  
- 2024.

88 f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Etnografia. 2. Agricultores familiares. 3. Imaculada - PB - comunidade Chapada. 4. Saberes populares. 5. Trabalho camponês. 6. Convivência com o semiárido. 7. Projeto Cooperar - PB. I. Oliveira, Luan Gomes dos Santos de. II Título.

CDU: 316(043.1)

**ELABORAÇÃO DA FICHA CATALOGRÁFICA:**

JOHNNY RODRIGUES BARBOSA  
BIBLIOTECÁRIO-DOCUMENTALISTA  
CRB-15/626

**JULIANA SILVA NUNES**

**ETNOGRAFIA DAS ESTRATÉGIAS DE VIVÊNCIA DE  
AGRICULTORES FAMILIARES NA COMUNIDADE CHAPADA NO  
MUNICÍPIO DE IMACULADA - PB**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.  
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

---

**Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.  
Examinador I - UACIS/CDSA/UFCG**

---

**Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.  
Examinador II - UACIS/CDSA/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 23 de junho de 2024.**

**SUMÉ - PB**

Aos meus amados pais, José Nunes da Costa (*in memoriam*) e Maria Marluce da  
Silva, por cultivarem em mim, o amor pela agricultura.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força que me foi concedida nos momentos de fraqueza e pela luz em tempos de escuridão.

Aos meus pais, José Nunes da Costa (*in memoriam*) e Maria Marluce da Silva, pelo apoio e amor incondicional na minha vida sempre. Esse trabalho é a prova de que os esforços deles pela minha educação não foram em vão e valeram a pena. A vocês, pais, todo o meu amor e eterna gratidão.

Aos meus irmãos, Maria Aparecida, Alane, Maria do Socorro, Júlio e Antônio, por todo afeto, companheirismos e suporte durante toda a minha vida. Amo vocês mais do que posso dizer.

Aos meus sobrinhos, Nicolas e Luísa, por serem o combustível que me impulsiona a seguir em frente e mudar de vida por meio dos estudos. A titia ama vocês!

A minha cunhada e amiga, Mireide, por desde o ensino médio acreditar no meu potencial e que eu conseguiria acessar a universidade e me formar. O seu incentivo foi essencial em muitos momentos da minha vida.

Aos meus amigos mais íntimos, Isabela, Lilian, Alisson, Atiliane e Jeffer, por sempre estarem comigo nos momentos ruins e bons, por chorarem e se alegrarem comigo, os dias em Sumé se tornaram mais leves porque eu sabia que tinha vocês. Obrigada por serem a prova do cuidado de Deus por mim.

As minhas amigas e parceiras do curso, Izadora e Juliana Dayara, por todas as risadas e lutas compartilhadas, pelo companheirismo sempre, e pelas vezes que mutuamente nos motivamos a continuar quando a jornada parecia difícil demais. Amo vocês!

As minhas amigas, Izabelle e Anessa, por todo apoio, amizade, e pelos dias compartilhados em Sumé. Vocês foram essenciais para mim.

Aos agricultores da comunidade Chapada, por contribuírem comigo para a construção desse trabalho, em especial, a Ivinha, por ter sido prestativa durante toda a pesquisa. O êxito do trabalho não seria possível sem vocês.

A Primeira Igreja Batista de Sumé (PIBSU), por terem sido uma família para mim, por todo apoio e acolhimento.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luan Gomes, por aceitar conduzir esse trabalho de pesquisa, pela paciência, disponibilidade e compreensão.

Aos professores da unidade de Ciências Sociais, que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, obrigada!

## RESUMO

Com este trabalho etnográfico buscou-se analisar as estratégias que os agricultores da Comunidade Rural de Chapada no município de Imaculada- PB utilizam, no contexto do semiárido, para manter o sustento da família ou/e da comunidade a qual pertence. O referencial teórico baseou-se em autores como Diegues e Arruda (2001; Brandão e Leal, 2012); Moura (1988); Fernandes (2004); Wanderley (2001;1996); Suassuna (2017); Schneider (2003); Silva (2013); Cândido (2010), Heredia (2013); Altafin (2007 apud Rambo et al., 2016), entre outros. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, efetuado com base no estudo etnográfico, observação participante, história de vida e entrevistas semi-estruturadas acerca dos aspectos organizacionais, socioeconômicos, produtivos e culturais da comunidade. Os resultados mostraram que os agricultores familiares utilizam de estratégias, como: a prática da pluriatividade como uma forma de complemento da renda familiar; participação em associações comunitárias; o fortalecimento dos vínculos de cooperação e afetividade com os vizinhos a partir da convivência e dos mutirões; a utilização dos saberes populares relacionado ao inverno e as plantações como uma forma de se planejarem para o próximo ano e uma estratégia para conviver com o lugar.

**Palavras-Chave:** Agricultura familiar; Trabalho camponês; Convivência com o semiárido; Saberes populares.



NUNES, Juliana Silva. **Ethnography of the life strategies of family farmers from the Chapada community in the municipality of Imaculada – PB.** 2024. 88f. Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Sociais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brazil, 2024.

## **ABSTRACT**

This ethnographic work sought to analyze the strategies that farmers of the Rural Community of Chapada in the municipality of Imaculada - PB use, in the context of the semi-arid region, to maintain the livelihood of the family and/or the community to which they belong. The theoretical framework was based on authors such as Diegues and Arruda (2001; Brandão and Leal, 2012); Moura (1988); Fernandes (2004); Wanderley (2001; 1996); Suassuna (2017); Schneider (2003); Silva (2013); Cândido (2010), Heredia (2013); Altafin (2007 apud Rambo et al., 2016), among others. The methodology used was qualitative, based on ethnographic study, participant observation, life history and semi-structured interviews about the organizational, socioeconomic, productive and cultural aspects of the community. The results showed that family farmers use strategies such as: the practice of pluriactivity as a way to complement family income; participation in community associations; the strengthening of bonds of cooperation and affection with neighbors based on coexistence and joint efforts; the use of popular knowledge related to winter and plantations as a way to plan for the coming year and a strategy to live with the place.

**Key words:** Family farming; Peasant work; Coexistence with the semi-arid region; Popular knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Localização geográfica da Paraíba, Brasil.....	<b>17</b>
<b>Figura 2 -</b>	Localização geográfica de Imaculada, Paraíba.....	<b>18</b>
<b>Figura 3 -</b>	Feira livre no município de Imaculada - PB.....	<b>19</b>
<b>Figura 4 -</b>	Localização geográfica da comunidade Chapada, Imaculada-PB.....	<b>22</b>
<b>Figura 5 -</b>	Açude localizado na comunidade Chapada.....	<b>29</b>
<b>Figura 6 -</b>	Agricultores indo para a missa.....	<b>30</b>
<b>Figura 7 -</b>	Chiqueiro usado para confinar as aves.....	<b>37</b>
<b>Figura 8 -</b>	Bananeira com cacho de banana.....	<b>38</b>
<b>Figura 9 -</b>	Plantação da semente da manga em vaso para a germinação... ..	<b>38</b>
<b>Figura 10 -</b>	Planta da ciriguela com frutos.....	<b>39</b>
<b>Figura 11 -</b>	Planta da acerola.....	<b>39</b>
<b>Figura 12 -</b>	Planta do mamoeiro.....	<b>40</b>
<b>Figura 13 -</b>	Maracujá colhido do quintal.....	<b>40</b>
<b>Figura 14 -</b>	Jerimum colhido do quintal.....	<b>41</b>
<b>Figura 15 -</b>	Broca do mato e a aração da terra.....	<b>43</b>
<b>Figura 16 -</b>	Roça de milho e feijão.....	<b>44</b>
<b>Figura 17 -</b>	Reunião da Associação realizada na comunidade Lagoa do Vicente.....	<b>46</b>
<b>Figura 18 -</b>	Horta antiga.....	<b>50</b>
<b>Figura 19 -</b>	Projeto da horta orgânica.....	<b>51</b>
<b>Figura 20 -</b>	Plantação de mudas na horta.....	<b>51</b>
<b>Figura 21 -</b>	Alface plantado em garrafa pet.....	<b>52</b>
<b>Figura 22 -</b>	Bioma da caatinga no tempo da seca (verão).....	<b>63</b>
<b>Figura 23 -</b>	Bioma da caatinga no tempo da chuva (inverno).....	<b>65</b>
<b>Figura 24 -</b>	Moinho usado para processar o milho.....	<b>67</b>
<b>Figura 25 -</b>	Milho verde sendo tirado a palha para a produção da pamonha (processo).....	<b>69</b>
<b>Figura 26 -</b>	Milho sendo ralado para a produção da pamonha (processo)....	<b>70</b>
<b>Figura 27 -</b>	Pamonhas prontas em bacias (resultado).....	<b>70</b>
<b>Figura 28 -</b>	Vizinhas sendo comadres na fogueira de São João.....	<b>71</b>
<b>Figura 29 -</b>	Ninho feito pelo pássaro João-de-barro.....	<b>72</b>
<b>Figura 30 -</b>	Árvore embiratanha.....	<b>73</b>
<b>Figura 31 -</b>	Marimbondó caboclo.....	<b>74</b>
<b>Figura 32 -</b>	Cigarra.....	<b>74</b>
<b>Figura 33 -</b>	Embuá.....	<b>75</b>
<b>Figura 34 -</b>	Borboleta que adivinha chuva.....	<b>75</b>
<b>Figura 35 -</b>	Árvore do louro pardo florindo.....	<b>76</b>
<b>Figura 36 -</b>	Plantação e corte de palma para o gado.....	<b>79</b>
<b>Figura 37 -</b>	Mulheres lavando roupas em tanques improvisados.....	<b>81</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Forma de aquisição de terra .....	<b>11</b>
<b>Gráfico 2</b> - Renda dos agricultores familiares da comunidade.....	<b>16</b>
<b>Gráfico 3</b> - Os produtos que são cultivados na roça são suficientes para o sustento da família?.....	<b>48</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ASA** – Articulação no Semiárido Brasileiro

**CEPFS** – Centro de Educação Popular e Formação Social

**CMDRS** – Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável

**FAO** – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

**IPECE** – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

**PRONAF** – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

**P1MC** – Programa um Milhão de Cisternas

**P1+2** – Programa Uma Terra e Duas Águas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1	PERCURSO METODOLÓGICO.....	14
<b>2</b>	<b>ÁREA DE ESTUDO: COMUNIDADE CHAPADA MUNICÍPIO DE IMACULADA - SERTÃO DA PARAÍBA.....</b>	<b>17</b>
2.1	MUNICÍPIO: IMACULADA – PB.....	17
2.2	CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ESTUDO.....	20
<b>3</b>	<b>MODOS DE VIDA CAMPONÊS E AGRICULTURA FAMILIAR.....</b>	<b>31</b>
3.1	TRABALHO CAMPONÊS.....	31
3.2	PRÁTICAS PRODUTIVAS DESENVOLVIDAS NA COMUNIDADE.....	36
3.3	PROJETO COOPERAR- PB.....	44
3.4	A PLURIATIVIDADE NO MEIO RURAL.....	52
3.5	A AGRICULTURA É UM TRABALHO QUE SUSTENTA?.....	57
<b>4</b>	<b>ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA PARA VIVER NO SEMIÁRIDO PARAIBANO.....</b>	<b>61</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO E O NOVO PARADIGMA DA CONVIVÊNCIA.....	61
4.2	SABORES, FESTIVIDADES E AFETIVIDADE.....	66
4.3	SABERES POPULARES: CLIMAS E PLANTAÇÕES.....	71
<b>5</b>	<b>HISTÓRIA DE VIDA DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.....</b>	<b>78</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Diversas populações desenvolvem maneiras compatíveis de conviver com o ambiente que habitam. No semiárido brasileiro, a maior parte dos pequenos produtores rurais, entendidos aqui “por sua base familiar, pelo trabalho da família na sua própria terra ou na terra alheia, por meio do trabalho associativo, na organização cooperativa, no mutirão, no trabalho coletivo, comunitário ou individual” (Fernandes, 2004, p. 3), ainda estão sujeitos às variações climáticas ou inseridos na narrativa do combate à seca, seja pela ausência de políticas públicas adequadas ou de uma educação contextualizada.

Esses sujeitos são os mais afetados, levando em consideração que vivem em comunidades tradicionais e mantêm relações de dependência com a natureza, esta, que, por sua vez, é afetada diretamente pela falta de chuva. Assim, o pequeno produtor precisou adaptar-se ao lugar e criar estratégias para viver no campo ou, em outros casos, migrar para outro lugar.

Segundo Diegues e Arruda (2001, p.62), a comunidade tradicional refere-se a “grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza”. As atividades agrícolas ocupam um grande destaque nesse meio e sustenta muitas famílias, ainda assim grande parte dos agricultores precisam da combinação de rendas, se envolvendo em trabalhos não-agrícolas.

Dentro do cenário sertão nordestino, a referência do estudo é a Comunidade Chapada, em Imaculada. O município de Imaculada está localizado no Estado da Paraíba, fazendo parte da microrregião Serra do Teixeira e possui uma população de 10.392 e sua extensão territorial é de aproximadamente 317.804 km<sup>2</sup> (IBGE, 2022). No que tange a Chapada, a comunidade é composta por 29 agricultores familiares, constituído por um total de 11 famílias, todos pequenos produtores que utilizam a agricultura como um meio para a sua subsistência. A unidade familiar se constitui como o principal componente para a realização das atividades agrícolas e sempre são feitas em conjunto, construindo entre os integrantes um sentimento de afetividade e cooperação. Entre as atividades agrícolas executadas, estão: o plantio das culturas, o manejo da terra, a colheita, a criação de animais e aves, a pesca e a caça.

O agricultor familiar que reside no sertão, caracterizado pelo clima semiárido, busca formas de conviver com os fatores climáticos que afetam essa região, sobretudo a seca e estiagens, seja usando os conhecimentos empíricos e saberes populares com base na fauna e flora para identificar fatores relacionados ao clima e a plantação, participando de associações ou fortalecendo os vínculos com a comunidade através dos mutirões e festividades.

Deste modo, pretendo desenvolver essa pesquisa a partir das seguintes questões norteadoras: Quais as estratégias de vivência os agricultores usam para manter o sustento da família, ou/e da comunidade a qual pertence? Em tempos de seca e estiagens, como essas estratégias são utilizadas no contexto do semiárido? Com esse propósito, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as estratégias de vivência que os agricultores familiares utilizam para assegurar o sustento da família e/ou da comunidade a qual pertencem. Para alcançarmos esse fim estabelecemos os seguintes objetivos específicos: Conhecer o contexto histórico da comunidade Chapada, situada no município de Imaculada-PB; apresentar as atividades econômicas que geram sustento para as famílias; mapear as estratégias que são utilizadas em tempos de seca; explorar as relações de cooperação e afetividades estabelecidas dentro da comunidade.

A justificativa para a realização do estudo se sucedeu devido a pesquisadora ser membro da comunidade analisada e possuir o interesse de entender de uma forma mais profunda os aspectos existentes no cerne dessa categoria, buscando ouvir esses agricultores e dar voz a esses grupos que têm suas histórias silenciadas e, portanto, não escritas em nenhum registro histórico (Thompson, 2002, p. 17). Assim, a pesquisa contribuirá para a constituição de políticas públicas de desenvolvimento produtivo rural; visibilidade para a categoria do pequeno agricultor; valorização da agricultura de subsistência.

## 1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo é de caráter etnográfico, que propõe

[...] um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. (Magnani, 2002, p. 18, grifo do autor, apud Magnani, 2009, p. 132)

Este procedimento permite ao pesquisador não somente a análise dos grupos sociais estudados e suas práticas, mas também a de todo o espaço em que está inserido. Assim, o objetivo ao utilizar esse método é, também, “fazer/desfazer a oposição entre eu e o outro, construir/desconstruir a dicotomia exótico-familiar” (Fonseca, 2005).

O método utilizado na pesquisa é de caráter qualitativo. Partindo de Martins (2004, p. 289) quando diz que essa metodologia “privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”, servindo para compreender e interpretar as realidades dos sujeitos.

Assim, adotamos a técnica das entrevistas semi-estruturadas que, para Poupart (2012, p. 216), é uma ferramenta indispensável para que haja o acesso às experiências vividas pelos atores. A escolha partiu do pressuposto de que ela é mais adequada para essa proposta de pesquisa, tendo em vista que ela proporciona ao objeto do estudo, no caso aqui os agricultores, um espaço para que eles apresentem seus pontos de vista acerca daquilo que vivem diariamente, ou seja, da sua realidade social e, assim, conhecer internamente as problemáticas enfrentadas por eles.

As entrevistas aconteceram nos meses de setembro a dezembro de 2023, através de visitas as casas dos agricultores, onde consegui ouvir suas histórias e adentrar em suas realidades. Para conduzir as perguntas elaborei um roteiro de entrevista, mas destaco que as conversas não se prenderam somente a este, mas ocorreram de forma espontânea durante todo processo. Apesar da pesquisadora ser membro da comunidade e, conseqüentemente, ter familiaridade com as pessoas e os fatos, não implica dizer que já os conhecia, levando em consideração que, “conhecer exigiria um esforço de aproximação e distanciamento que poderia fornecer indicações para uma compreensão mais complexa dos fenômenos em que estávamos diretamente envolvidos”, a partir das “experiências, emoções, sentimentos e formas de classificação internalizadas” (Velho, 2011, p. 166), assim, foi necessário o processo de tornar o familiar em exótico.

A primeira etapa do estudo iniciou-se com uma formação teórica, nesse sentido, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros e em sites como o Google acadêmico, que contribuíram para uma compreensão mais ampla referente ao tema proposto. Em seguida, se sucedeu à elaboração de um roteiro para a aplicação dos questionários. Foram realizadas 15 perguntas com 1 membro adulto das 11 famílias,



em especial, os que vivem a mais tempo na comunidade. Optei por essa quantidade, porque incluir todos os membros da comunidade seria um número venerável de entrevistados. Os 11 agricultores familiares entrevistados são tanto do sexo masculino, quanto feminino.

Nesse estudo preferimos expor os nomes verdadeiros dos agricultores familiares entrevistados, mas ainda assim tendo cautela em preservar a ética antropológica e dos entrevistados. De acordo com Fonseca (2005), existem pontos positivos ao citar o nome desses sujeitos, seja para dar voz a esses sujeitos que, em diversos momentos são deixados de lado; conferir a eles, também, a autoria do trabalho realizado, tendo em vista que foram eles que construíram em conjunto a pesquisadora. Durante o diálogo, os entrevistados não demonstraram constrangimento em não expor a sua identidade, mas satisfação.

Ao longo do estudo utilizamos autores como Diegues e Arruda (2001; Brandão e Leal, 2012) para discutirmos acerca da concepção de comunidade tradicional, como ela se estabelece e se diferencia das demais; Moura (1988), para explicarmos a relação existente entre as práticas econômicas e familiares nas comunidades rurais; Altafin (2007 apud Rambo et al., 2016) e Fernandes (2004) para tratarmos sobre o conceito do trabalho camponês e o que vem a ser camponês, bem como, os paradigmas em torno do tema campesinato; (Wanderley, 2001;1996), trazendo o foco das lutas dos camponeses brasileiros pelo território próprio para estabelecer o seu modo de vida, social, familiar, de trabalho; Gomes (2013) e Suassuna (2017), para discutir as políticas assistencialistas que se estabelecem no espaço rural e a necessidade de uma educação contextualizada; Schneider (2003), com o debate sobre pluriatividade no campo; Silva (2013) abordando os saberes populares adquirido ao longo do tempo pelos agricultores; entre outros.

## 2 ÁREA DE ESTUDO: COMUNIDADE CHAPADA MUNICÍPIO DE IMACULADA - SERTÃO DA PARAÍBA

### 2.1 MUNICÍPIO: IMACULADA - PB

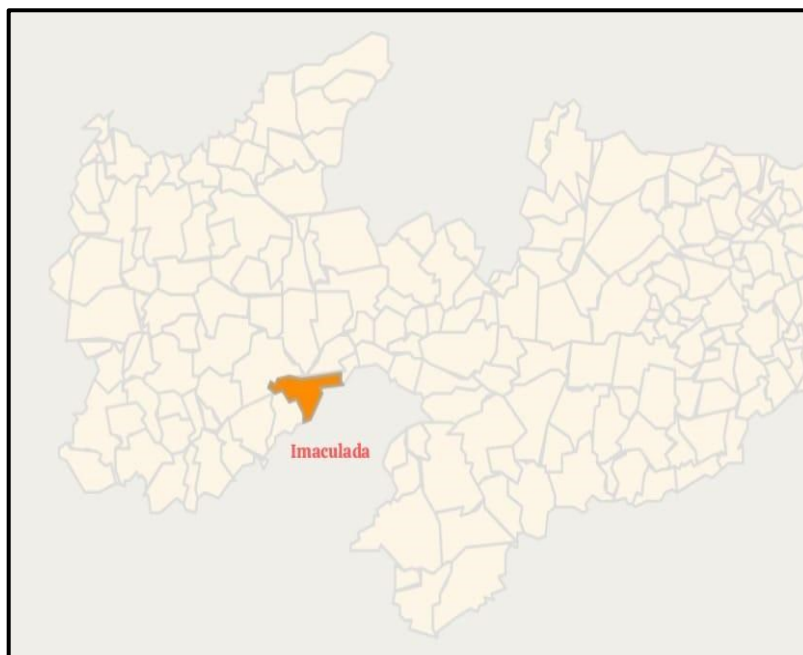
Imaculada é um município que está localizado na latitude -7.3889 e longitude -37.5079, microrregião da Serra do Teixeira, no Estado da Paraíba. De acordo com pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a cidade possui uma população de 10.392 e sua extensão territorial é de aproximadamente 317.804 km<sup>2</sup>. O mapa abaixo apresenta onde se localiza a Paraíba dentro do território brasileiro. Em seguida, na figura 2, é apresentada a localização da cidade de Imaculada no âmbito do Estado da Paraíba.

**Figura 1** - Localização geográfica da Paraíba, Brasil



Fonte: IBGE, 2023

**Figura 2** - Localização geográfica de Imaculada, Paraíba.



**Fonte:** IBGE, 2023

De acordo com Cambuim (1877), o nome dado ao município antes de receber o seu atual nome era chamado de Queimada do Silva, devido a um incêndio que aconteceu no ano de 1875 nas terras de Manoel Coleta da Silva. Em janeiro de 1877, o proprietário das terras, juntamente com proprietários locais e fazendeiros do Vale do Piancó, implementaram a primeira feira livre do povoado. Com o grande êxito que a feira obteve, eles resolveram realizá-la semanalmente. Devido a isso, a população começou a se desenvolver, uma vez que, muitas pessoas começaram a se agregar no local e construírem suas moradias. Abaixo, na **(figura 3)**, é possível observar a feira em Imaculada:

**Figura 3** - Feira livre no município de Imaculada- PB



**Fonte:** Retratos de Imaculada- PB, 2020, (página no Facebook).

A feira livre se constituiu como um elemento importante no desenvolvimento econômico, espacial, cultural e sociopolítico da cidade. Através da feira as pessoas tiveram conhecimento do lugar. Atualmente, a feira em Imaculada acontece todas as sextas-feiras e reúne comerciantes informais locais e de cidades vizinhas.

Um fato marcante que ocorreu nessa região, em 1877, foi a seca que dizimou rebanhos de animais, ocorrendo também a morte em parte da população da região que ainda não tinham estratégias de convivência com a seca. Logo após esse acontecimento, foi construído o primeiro cemitério de Imaculada, atualmente conhecido como o cemitério velho da cidade (Cambuim, 1972).

Em 1885, o missionário Frei Serafim, da ordem dos franciscanos, fez visitas e pregações no lugarejo. Em 8 de dezembro do mesmo ano, celebrado o dia de Nossa Senhora da Conceição (atualmente considerada a padroeira da cidade), Frei Serafim mudou o nome do lugar para Imaculada. Logo após, foi construído no lugar o primeiro templo religioso “Capela-mór”. Quatro anos depois, em 1889, foi construída a atual Matriz da cidade, por iniciativa do Padre Rangel, o Capitão Delmiro Dantas e a família Almeida (IBGE, 2023).

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ESTUDO

Neste capítulo, busco refletir acerca da história da comunidade Chapada, situada no município de Imaculada, Alto Sertão da Paraíba. Para tal finalidade, partirei de depoimentos e memórias que contam como as pessoas se organizam e vivem. A comunidade pesquisada não é desconhecida para mim, já que sou membro dela. Contudo, aqui não me prendo somente aos meus saberes, mas recorro-me às pessoas mais velhas que possuem conhecimentos mais abrangentes.

Para começar, convém mencionar aqui o debate acerca da categoria comunidade tradicional sugerido por Brandão e Leal (2012, p. 74). O que seria uma comunidade tradicional? Inicialmente, os autores atribuem à comunidade tradicional aquelas que chegaram a um espaço ainda não habitado por outras pessoas, construindo o seu modo de vida, antes que outros grupos humanos chegassem. Assim, o lugar que antes era despovoado passa a ser habitável e produtivo.

Para responder à pergunta de forma mais detalhada, os autores trazem contribuições importantes de diversos estudiosos, porém, aqui destacamos os enfoques especificado por Diegues e Arruda acerca da concepção de comunidade tradicional:

Grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa noção refere-se tanto aos povos indígenas quanto ao segmento da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos (Diegues e Arruda, 2001, p. 62 apud, Brandão e Leal, 2012).

Porém, para o autor a comunidade tradicional não deve ser confundida com as sociedades primitivas ou indígenas, há diferenças entre elas, posto que, as comunidades tradicionais existem em relação à cidade e sujeita-se a ela em termos econômicos, comprando e trocando mercadorias, em contrapartida, as sociedades indígenas não dependem da cidade na mesma intensidade. Embora tenham modos de falar próprios do lugar, geralmente a língua e a religião que predomina em uma comunidade tradicional é a dominante.

Afastado do espaço da cidade, a comunidade tradicional mantém uma dependência com a natureza. Devido a esse vínculo são obtidos saberes que proporcionam uma melhor convivência com esse meio. Os métodos adquiridos ao

longo do tempo facilitam a administração dos recursos naturais, que são repassados para gerações vindouras.

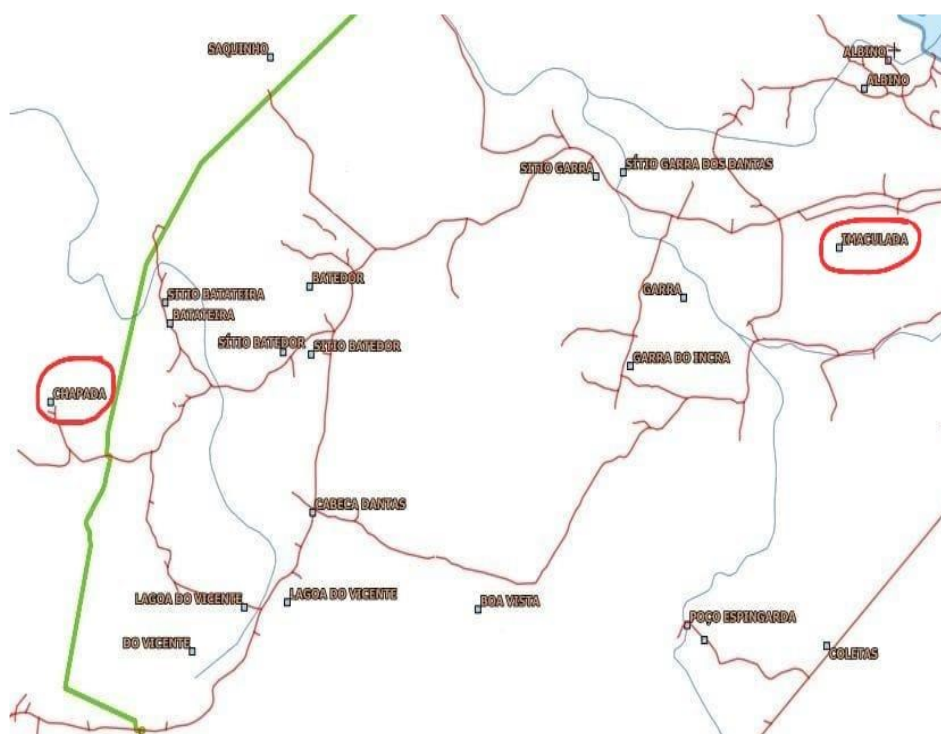
A comunidade é o espaço de vida, onde são produzidas e reproduzidas as estruturas, tanto economicamente quanto socialmente. O território transmitido aos filhos e netos não se torna desabitado, tendo em vista o sentimento de pertencimento com o lugar adquirido e mantido em muitos membros. Mesmo que haja o êxodo rural por parte de alguns, há casos em que as pessoas se mudam para outros lugares em busca de melhores condições de vida, mas com o passar do tempo retornam a morar no mesmo ambiente, como expressa um dos agricultores entrevistados nessa pesquisa, o sr, Adesisto (2023): “eu saí, mas voltei novamente pra o mesmo lugar que eu nasci e me criei. Morei em Imaculada, de Imaculado fui pra São Paulo e de São Paulo voltei, pra o mesmo canto que eu nasci e me criei”

As atividades de subsistência ocupam um destaque maior na comunidade tradicional embora também exista produção de mercadorias para o complemento da renda. As práticas para realizar essas atividades são, em grande parte, rudimentares e não prejudicam de forma violenta o meio ambiente.

Por fim, o autor traz dois conceitos que se encaixam na categoria comunidade tradicional, que são: autonomia e autoctonia. O primeiro caracteriza essa unidade como autônoma em algumas áreas, não é totalmente porque ela não vive de forma isolada, mas mantém contato com outras comunidades e cidades. A autonomia a que o autor se refere é acerca de como os agricultores vivem e organizam o seu trabalho. Eles trabalham no que é seu, estabelecem o seu horário de trabalho de acordo com as demandas e possuem uma medida de liberdade para estabelecer o rumo dos seus bens produzidos. E autoctonia, pelo reconhecimento que há entre as pessoas de que o lugar que habitam é território ancestral. Trazem na memória os nomes dos que viveram ali e preservam vivas as tradições adquiridas pelos antepassados, criando o que Brandão e Borges chamaram de “teias sociais” elaboradas e mantidas por pessoas através de gerações (Brandão , 2014, p.11).

No tocante a área da pesquisa, dona Maria José, 67 anos de idade, explica que o motivo do nome escolhido para a comunidade é devido a área ser plana, sem muita pedra e com areia. Atualmente, o lugar é composto por 29 agricultores familiares, constituído por um total de 11 famílias, sendo 17 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Entre a comunidade e o município de Imaculada são percorridos, aproximadamente, 20km.

**Figura 4** - Localização geográfica da comunidade Chapada, Imaculada- PB



Fonte: IBGE, 2023

O percurso da comunidade até a cidade de Imaculada é considerado um pouco longo pelos moradores. A distância dificulta a convivência no lugar devido a insuficiência de transportes e a má condição da estrada que dá acesso à cidade. Os transportes que as famílias têm para fazerem esse trajeto são as motos, apenas um morador tem carro. A quantidade dos transportes disponíveis é 1 e/ou 2 para cada família, desse modo torna-se desafiador para resolver as demandas necessárias, como o acesso a hospitais, mercados, farmácias, bancos, entre outros estabelecimentos que exigem o deslocamento até o município.

O carro-de-bois, veículo de tração animal, é outro transporte que também supre muito a necessidade dos agricultores da comunidade, tendo em vista que, ele auxilia diferentes funções. Serve para buscar lenha; água do açude para as pessoas e os animais beberem e/ou para outros fins; buscar a feira, isto é, os alimentos comprados nos mercados da cidade e transportados pelos carros até o caminho que liga a comunidade Chapada, Imaculada e o distrito de Palmeira, zona rural; entre outras coisas. Geralmente o filho ou o marido espera na estrada com o carro de bois e traz

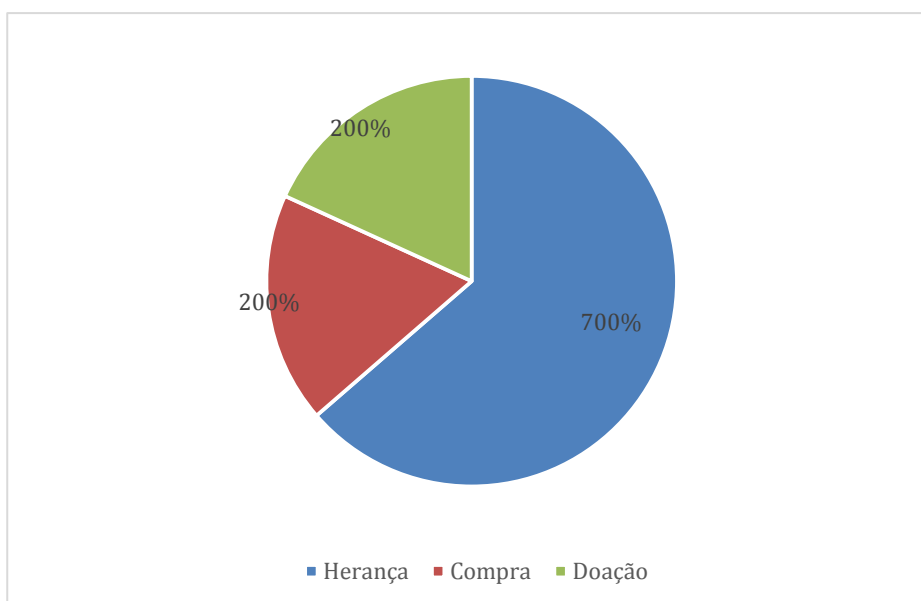
para casa. Essa é uma estratégia para economizar a viagem do carro dos supermercados até as casas.

Na comunidade, cerca de 64% dos moradores possuem a aquisição da terra por herança dos avós, pais ou esposo, porém não há divisão da propriedade entre os herdeiros, como relatado por uma das entrevistadas:

A gente mora na terra de herança. Não é dividido, não. É uma parte de terra que a gente trabalha, mas ela não é dividida. Ela é da parte dos avôs da gente ainda. Os herdeiros foram embora, ninguém dividiu a terra, ela ainda tá assim mesmo, sem ser dividido (Agricultora Irma, 2023).

Essa situação abarca todos os moradores da comunidade que possuem terras por herança, exceto a dona Irma, como expressado em uma de suas falas: “Um hectare foi por herança. E as outras foi herança também, mas só que a gente comprou as partes dos outros herdeiros, sabe? Aí agora é nosso mesmo, não tem mais herdeiros, não. A gente comprou as partes”. Além da obtenção da terra por herança, 18% dos entrevistados(a) declararam possuírem as terras através da compra e 18% pela doação (**gráfico 1**):

**Gráfico 1** - Forma de aquisição de terra



**Fonte:** Pesquisa de campo realizada em setembro e outubro de 2023



Na comunidade alguns agricultores utilizam a terra do arrendador para a plantação e pagam o tempo de uso com o produto, geralmente com o milho ou o feijão que é cultivado. Na entrevista realizada uma das agricultoras explicou como funcionava esse processo: “A gente planta na roça de outra pessoa e 25% do que lucra é do dono da terra. Esse ano a gente lucrou 4 sacos de milho, 3 é da gente e 1 é dele” (Agricultora Josimere, 2023). Posteriormente à colheita, a roça é usada como pasto para o gado do arrendatário.

Além dessas formas de aquisição de terra, também podemos destacar a condição de parceria entre pais e filhos. De acordo com Konzgen e Mantelli (2020), essa condição classifica-se como

estratégia que os agricultores aderem para desenvolverem sua produção e ampliar a área de cultivo. A parceria, realizada na área de pesquisa, ocorre entre membros da mesma família, como por exemplo, o filho planta em uma determinada parcela de terra dos pais de maneira formal (contrato de parceria) ou informal (Konzgen e Mantelli, 2020, p. 254).

Segundo Carneiro (2001), essa parceria acontece sob alguns requisitos definidos:

Ao se casarem, dependendo do tamanho da propriedade, todos os filhos que permanecerem na atividade agrícola recebem, em usufruto, uma parte de terra, delimitada informalmente pelo pai, na qual deverão construir uma casa e explorar a agricultura de maneira a retirar dela o sustento para a sua unidade familiar em formação e pagar um terço da produção aos pais. Estabelece-se então uma relação de parceria entre filhos e pais nos mesmos moldes da que rege a relação entre proprietário e arrendatário não parentes (Carneiro, 2001, p. 44).

Assim como em outras comunidades, na Chapada, os filhos se casam e permanecem morando no mesmo local. O trabalho agrícola se dá nas terras pertencentes ao pai em conjunto com ele. Deste modo, metade dos produtos produzidos e colhidos na plantação são divididos entre ambas as famílias.

De acordo com Carneiro (2001, p. 46), “o parentesco é, portanto, uma pré-condição para o acesso à terra e para a regulação dos direitos e deveres de cada indivíduo em relação ao trabalho e à família”. Ao utilizar estratégias que mantêm uma determinada família vivendo e trabalhando na mesma terra, os vínculos simbólicos entre terra, localidade, e família são fortalecidos.

Para Moura (1988, p.25), as práticas econômicas e familiares no campesinato são inseparáveis. A herança da terra é vista pela autora como uma forma do

camponês continuar com o “uso social da terra que habita e trabalha e à própria organização da vida”. Assim, os filhos(a) herdam a terra dos pais, se casam e mantêm o modo vida que se sucedia.

Além de garantir a continuação da família, a herança é também um método utilizado para manter os filhos e netos dando continuidade às produções agrícolas na unidade familiar. Posto que, há contextos em que os recursos financeiros para empregar trabalhadores não é possível. Nesse caso, a alternativa é dispor dos membros do núcleo familiar (Moura, 1988).

Assim, a terra se constitui como aspecto importante para a compreensão da família camponesa, conforme a autora acrescenta:

A terra é o meio de produção principal para que exista a relação entre produção e consumo, entre moradia e trabalho, sua herança desempenha um papel estratégico na existência camponesa: é um dos fundamentos sobre os quais se apoia a reprodução social do campesinato parcelar (Moura, 1988, p. 28-29)

Em alguns contextos, as terras herdadas pelas gerações passadas (heranças), são divididas em partes pelo núcleo familiar, algumas para serem exploradas com o trabalho agrícola e as demais terras reservadas, podendo ser exploradas ou não (Carneiro, 2001).

A terra como um lugar de produção e consumo, abarca diversas atividades que não estão somente relacionadas à agricultura, mas também à pecuária. No que diz respeito aos animais e aves criados por cada família na comunidade Chapada, o resultado da pesquisa mostra quais eles criam e com qual propósito (**Quadro 1**).

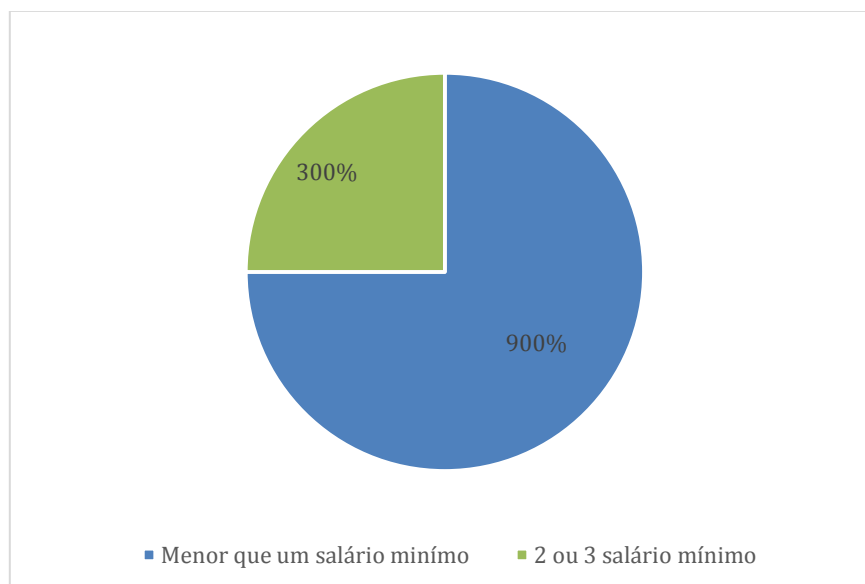
**Quadro 1 - Animais criados na comunidade e o destino deles**

<b>Entrevistados (as)</b>	<b>Animais</b>	<b>Destino</b>	<b>Aves</b>	<b>Destino</b>
ADESISTO	Não cria	X	Galinhas	Consumo
FRANCISCO	Gado e porco	Bois - auxiliar nas atividades agrícolas; Porco - venda e consumo;	Galinhas	Venda e consumo
IRMA	Gado; cavalo; porco	Gado – auxiliar nas atividades agrícolas; Cavalo – gosta de criar Porco – venda e consumo	Galinhas	Venda e consumo
JANILSON	Porco	Venda e consumo	Galinhas	Venda e consumo
M° JOSIMERE	Porco; ovelhas; gado	Porco e ovelha - venda e consumo; Bois- auxiliar nas atividades agrícolas	Galinhas	Venda e consumo
M° JOSÉ	Gado	Bois- Auxiliar nas atividades agrícolas	Galinhas	Consumo e venda
M° MARLUCE	Gados	Venda	Galinhas	Venda e consumo
M° RAISSA	Porco, ovelhas, bois	Porcos e ovelhas- venda e consumo; Bois- auxiliar nas atividades agrícolas	Galinhas	Venda e consumo
VANDEILZA	Gado	Venda	Galinhas	Venda e consumo

**Fonte:** elaboração própria, outubro de 2023

Nota-se que quase todos possuem propósitos semelhantes acerca do destino dos animais. Na entrevista, quando questionei o motivo deles criarem as aves percebi que o principal é para o consumo da família, tanto as aves quanto os ovos, mas em razão da falta de dinheiro para comprar algum produto, eles veem no criatório um recurso para fazer a troca pelo dinheiro. O preço varia de acordo com o tamanho da ave, mas, geralmente, na comunidade as pessoas costumam vender cada galinha ou galo por 45 a 50 reais. Os produtos que são comprados com o dinheiro da venda variam de acordo com a necessidade de cada família. Na entrevista realizada com uma das moradoras, ela relata um dos motivos pelos quais a ave é vendida: “muitas vezes, quando precisa o meu filho vende uma das aves que cria e compra gasolina pra moto” (Agricultora Irma, 2023).

**Gráfico 2** - Renda dos agricultores familiares da comunidade



**Fonte:** elaboração própria, 2023

O gráfico mostra que a maioria dos agricultores entrevistados recebem menos de um salário-mínimo (bolsa família). Em segundo lugar com mais porcentagem é as pessoas que recebem apenas um salário-mínimo (uma aposentadoria) e por último com menor número mostra os agricultores com 2 ou mais salários-mínimos.

Quando o animal é grande e gordo são vendidos pelos donos. No que diz respeito aos bovinos, as vacas são criadas com intuito de aumentar a reprodução e para o consumo do leite, já os bois auxiliam em muitas funções consideradas necessárias para os agricultores. Por exemplo, no tempo do inverno para arar a terra são utilizados os bois para realizarem o trabalho. As pessoas que dispõem do animal e o arado relatam que facilita bastante porque não precisa pagar a terceiros para efetivar a tarefa.

Somente uma família na comunidade não possui o arado e, portanto, necessita contratar um dos vizinhos para arar as suas terras quando é preciso. Todas as outras 9 famílias aram a terra por conta própria. Na maioria dos casos os pais possuem o arado, mas os filhos utilizam também já que as atividades da roça são feitas em conjunto. Na realização da entrevista é possível observar a importância do criatório de bois:

Os bois servem para arar a terra, colocar água em casa, carregar lenha e pra buscar alguma coisa pesada que não dê pra trazer na moto, a gente usa o carro de boi. Todos os serviços são com os bois, se não tivesse eles a gente estava perdido. Eles ajudam muito (Agricultor Francisco, 2023).

A venda dos bois só acontece em casos de necessidade ou quando não possuem mais o vigor de antes: “Quando os animais estão em certa idade aí a gente vende e compra outros menores” (Agricultora Marluce, 2023), isso ocorre devido o animal não ter mais tanta resistência para as atividades desenvolvidas na comunidade, então a venda acontece para comprar novilhos.

A comunidade dispõe de um açude chamado “açude da Chapada”, considerado um espaço público, de convivência e sustento. Na época, o açude foi construído através de uma solicitação feita ao prefeito de Imaculada, que atendeu o pedido. Desde então, a área do reservatório de água é restaurada pelo prefeito sempre quando é solicitada pela comunidade. A seguir, é possível ver o registro de um dos moradores abastecendo a cocheira com água.

**Figura 5** - Açude localizado na comunidade Chapada



**Fonte:** arquivo pessoal, 2023

Além do açude servir como uma fonte de abastecimento para a comunidade, a água também ampara comunidades vizinhas, como é o caso da Batateira. Geralmente, no tempo em que a estiagem predomina são poucos os açudes que permanecem com água. Diferentemente da Chapada, a comunidade batateira não disponibiliza de um açude com acesso livre para todas as pessoas que moram no local.

Assim, esses moradores alugam algumas horas de trabalho a alguma pessoa que reside na Chapada, e que tenha um carro de bois, para que este abasteça a sua casa. O pagamento pelo serviço é feito através do dinheiro. Normalmente a água é transportada com o intuito de saciar a sede dos animais.

Com relação a estabelecimento de ensino, a comunidade Chapada só dispunha de um colégio onde a maioria dos moradores mais velhos estudaram, porém com o tempo essa escola foi fechada e, posteriormente, abandonada. Também não há nenhuma igreja, apesar dos moradores serem muito devotos ao catolicismo. Para participar da missa é necessário se deslocar até a cidade onde ela é realizada. Em algumas situações as pessoas se reúnem nas casas dos vizinhos para realizar novenas, ou se deslocam para a capela situada na comunidade Serraria onde é realizado missas e novenas. A **figura 6**, mostra alguns agricultores indo para a missa, conhecida como “a missa dos vaqueiros”.

**Figura 6** - Agricultores indo para a missa



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2023

A missa dos vaqueiros, realizada na capela da comunidade Serraria pelo Padre da Igreja Matriz de Imaculada, acontece anualmente com o intuito de rezar e “benzer” os animais, os carros de bois e os donos.

### 3 MODOS DE VIDA CAMPONÊS E AGRICULTURA FAMILIAR

#### 3.1 TRABALHO CAMPONÊS

Em uma sociedade onde o capitalismo tem se instalado e moldado a forma como as pessoas vivem, torna-se inevitável não discorrer acerca do conceito de trabalho. Sobretudo, quando nos referimos ao trabalho camponês que tem sofrido ao longo dos anos profundas transformações.

Kesküla (2018, p.437), traz a definição do trabalho, como sendo

Uma atividade intencional que requer um dispêndio de energia física ou mental. O trabalho transforma matéria física, ideias ou relações sociais; ele pode produzir sobrevivência material, prazer, reconhecimento social ou outros valores culturalmente reconhecidos. Além disso, ele sempre é moldado por certas estruturas sociais e culturais.

Em consonância, Karl Marx destaca o trabalho como uma atividade que possibilita os seres humanos produzirem sua subsistência e visto como parte fundamental da vida humana. Marx, não se prendia a ideia de que o trabalho seria apenas tarefas materiais, mas um processo de envolvimento do ser humano com a natureza capaz de reproduzir vínculos sociais e características própria de uma sociedade, bem como, o seu desenvolvimento (Karl Marx, 1996, p. 132 apud Kesküla, 2018, p.439).

No que diz respeito ao trabalho camponês, de acordo com Altafin (2007 apud Rambo et al., 2016), se configura como aquele realizado pelo núcleo familiar, o qual produz para o sustento da família e os excedentes para a venda. Para Guimarães (1977; Ribeiro, 2006, apud Rambo et al., 2006), desde o século XVI, que o trabalho agrícola já era realizado pelos indígenas presentes no Brasil. A agricultura era executada em matas com o intuito de suprir com a falta de comida e como meio de assegurar a alimentação durante o ano.

Assim, o trabalho camponês pode ser entendido como a atividade desempenhada pelos agricultores em propriedades rurais, envolvendo o cultivo da terra, criação de animais, produção de alimentos, entre outras atividades ligadas à agricultura que possibilita a sua subsistência. Geralmente, nesse trabalho o agricultor costuma utilizar práticas rudimentares.



Segundo Fernandes (2009), a conceituação da palavra camponês é, antes de tudo, um exercício político. A existência dessa organização social transcorreu em sociedades escravocratas, feudal, capitalista e socialista, mas manteve a perseverança diante das instabilidades que iam surgindo. Com isso, muitos debates ocorreram em torno da compreensão desse conceito.

Neste trabalho, usamos a concepção de camponês de acordo com a perspectiva de Fernandes (2004):

“o camponês é compreendido por sua base familiar. Pelo trabalho da família na sua própria terra ou na terra alheia, por meio do trabalho associativo, na organização cooperativa, no mutirão, no trabalho coletivo, comunitário ou individual. A base familiar é uma das principais referências para delimitar o conceito de campesinato. Em toda sua existência essa base foi mantida e é característica fundamental para compreendê-la (Fernandes, 2004, p. 3)”.

Os conceitos de família, trabalho e terra estão intimamente ligados, formando a base do que venha a ser camponês. Para Moura (1988, p. 9), o camponês é o trabalhador que se envolve familiarmente com a natureza, que conhece os elementos que a compõem e adquire para si saberes que foram aprendidos antes da ciência, “sabe de onde sopra o vento, quando virá a primeira chuva, que insetos podem ameaçar seus cultivos, quantas horas deverão ser dedicadas a determinadas tarefas”.

Para a autora, o camponês não restringe os seus contatos sociais apenas dentro da comunidade onde vive, mas estende essa relação aos habitantes que convivem na cidade, uma vez que o camponês precisa estabelecer essa ligação com os mercados. O camponês pode ser descrito de diferentes maneiras, entre eles como “cultivador de pequenas extensões de terras, às quais controla diretamente com sua família”, chamado por alguns estudiosos de “camponês parcelar”. Alguns autores diferenciam os conceitos de camponês e pequeno produtor. Enquanto o primeiro é visto como “vago e indefinido”, o segundo está ligado diretamente “à polêmica dos modos de produção”, ou seja, é o ator principal que precede o sistema capitalista (1988, p. 12-13).

Conforme Fernandes (2004; Silva, 2022), o debate em torno do campesinato motivou o surgimento de três tipos de interpretação do campesinato. A primeira teoria diz respeito ao paradigma do fim do campesinato que seria causado pela renda fundiária diferencial e capitalizada, isso acabaria fazendo com que o camponês se

transformasse em capitalista ou/e em assalariado. Em outros casos, a agricultura camponesa seria inviável diante do agronegócio e por isso tenderia à extinção. Essa teoria foi inicialmente discutida por Marx que acreditava na possibilidade de o campesinato desaparecer, mais tarde, teóricos como Lênin e Kautsky também levaram adiante essa hipótese. Conforme Silva (2022, p. 21), essa hipótese não se concretizou. O campesinato não se extinguiu, mas tem encontrado diante dos “problemas causados pela insustentabilidade do sistema de produção capitalista”, a capacidade de criar sua própria forma de se adaptar, reproduzir e desenvolver diante do cenário que se apresenta.

O segundo paradigma, diz respeito ao fim do fim do campesinato, este, entendia que o campesinato não sumiria. Com o capitalismo se apropriando da renda capitalizada e, conseqüentemente, adquirindo riqueza através da mão de obra familiar camponesa, geraria a diferenciação social e a destruição do campesinato. Mas, isso não aconteceu devido a continuação dessa organização social interessar ao desenvolvimento do capital, na medida em que o arrendamento importa mais aos capitalistas donos de terra do que o assalariamento. Por arrendamento de terras entendemos as

Práticas nas quais há um proprietário, que cede parte ou toda a sua terra, e um inquilino (alugador da terra) que irá cultivá-la para fins agropecuários. É um acordo entre os dois, que pode ser formalizado perante contrato, ou mesmo em acordo verbal caso haja confiança mútua. Para que ocorra, é necessário demarcar a área da terra a ser usada, criar normas e acordos entre as duas partes para que se estabeleçam compromissos, permissões e proibições de certas ações para evitar mal-entendidos neste período (FAO - Food and Agriculture Organization, 2004).

O arrendamento, a compra e a ocupação se configuram como maneiras pelas quais o campesinato poderia se recriar, à medida que o camponês se mantém no campo (Fernandes, 2004).

Por fim, a terceira teoria diz respeito ao paradigma da metamorfose do campesinato, manifestado no século XX, acreditava-se que o campesinato desapareceria, mas o trabalho no meio rural iria continuar, em outras palavras, o camponês passaria a ser reconhecido como agricultor familiar. Isso implicaria dizer que, ao aceitar “o processo de diferenciação que passa a ser um processo natural do capitalismo” (p. 2), o camponês tenderia a ser um sujeito conformado com o capital, abandonando toda a sua história de resistência e luta.

Ao trazer essa discussão, Fernandes (2004, p. 2), destaca que o ponto principal a se considerar é que o camponês e o agricultor familiar são um só. As diferenças que existem entre ambos são “ideológicas”. A ideia criada é que se deve considerar o capitalismo agrário como um sistema que estaria associado ao camponês, assim, aceitar seria levar em consideração todas as desigualdades geradas pelo capitalismo como algo normal e conviver com elas. Ao contrário, “lutar contra essa lógica é ser atrasado, perdendo a oportunidade dada pelo capital em tornar-se moderno (ou agricultor familiar)”. Com isso, toda a luta pela terra perderia a força e a visibilidade. Não seria correto lutar além do limite que o capital estabelece.

Para o autor, o camponês, durante toda a história, se manteve inferior e dependente de terceiros. Para além de aceitar, essa situação deverá ser vista como um incentivo à luta contra um governo de “exploração, expropriação, destruição e recriação”. A história da agricultura familiar brasileira carrega em si marcas do passado que refletem as origens do colonialismo, permanecendo a “dominação econômica, social e política da grande propriedade, a escravidão e uma enorme fronteira de terras livres ou passíveis de ocupação ou posse” (Fernandes 2004, p. 3-8). Assim, o camponês passa a ocupar espaços secundários e de desigualdades herdadas pelo cenário de lutas para alcançar uma dependência econômica e um lugar na sociedade (Wanderley, 1996).

A desigualdade existente no modo como o espaço agrário brasileiro está dividido, resultante da ocupação colonial que se estendeu até os dias de hoje, causa grande problema no espaço rural, pelo fato de concentrar muitas terras para propriedades latifundiárias e monocultura de exportação e pouca terra ou nenhuma para o pequeno agricultor. Assim, destaca-se que o foco das lutas dos camponeses brasileiros está na busca por um território próprio para estabelecer o seu modo de vida, social, familiar, de trabalho, passando de gerações em gerações (Wanderley, 2001).

A terra se configura como sendo um recurso essencial, tanto para a reprodução social, quanto para a reprodução econômica da família (Donaton, 2013, apud Silva, 2022) e, um “local onde se produzem mercadorias, vive-se, trabalha-se, onde as pessoas relacionam-se, moram, criam seus filhos e criam também uma identidade comum, compartilhada entre seus pares” (Carvalho, 2015, p. 9).

Mas, segundo Wanderley (1996) o camponês foi obrigado a lidar com situações adversas encontradas, na busca por um território:

os camponeses tiveram, de uma maneira ou de outra, que abrir caminho entre as dificuldades alternativas que encontravam: submeter-se à grande propriedade ou isolar-se em áreas mais distantes; depender exclusivamente dos insuficientes resultados do trabalho no sítio ou completar a renda, trabalhando no eito de propriedades alheias; migrar temporária ou definitivamente (p. 9).

O pequeno produtor precisou adaptar-se ao lugar e criar estratégias para viver no campo ou, em outros casos, migrar para outro lugar. O autor acrescenta ainda que a situação se torna mais agravante quando falamos acerca do agricultor que reside no semiárido nordestino pelo fato de precisar lidar também com as estiagens da região. No **item 3.1** deste trabalho caracterizamos mais precisamente o semiárido brasileiro.

Na análise feita por Morrison (2010), no município de Canindé - Ceará, o autor mostra que, ao contrário da região Sul, o semiárido nordestino se localiza em uma área onde há um registro baixo de índice pluviométrico, ou seja, existe uma má distribuição de chuva, que o autor classifica como sendo as épocas em que mesmo o inverno tendo chegado à média volumétrica, mas cuja repartição acontece em meses variados ao período de plantação, o efeito disso é a perda da safra.

Autores como Brandão (2020), discutem a questão do trabalho produtivo realizado em comunidades a partir da convivência generosa entre as pessoas. Esse tipo de atividade é chamado por ele de mutirão, sendo:

Uma instituição universal, cultivada geralmente nos grupos primários, onde o organizador, necessitando de uma rápida, larga e eficiente cooperação para um serviço, a solicita dos seus vizinhos, comprometendo-se tacitamente a retribuí-la nas mesmas circunstâncias, tão logo lhe seja pedida essa retribuição (Brandão, 2020, p. 2 apud Galvão, 1959, p. 16.)

A retribuição não está ligada ao dinheiro, mas na ajuda que os participantes do mutirão poderão precisar futuramente. Não é um trabalho feito com pesar, mas com satisfação. Esse tipo de atividade cria vínculos afetivos, fortalece a cooperação entre os moradores e assegura a reprodução social.

Os mutirões podem acontecer de diferentes maneiras, como relata os agricultores: “Se junta a turma e vai ajudar em uma precisão. No tempo do inverno se tiver alguém precisando, junta uma turma e cuida da roça do outro. Teve uma vez que um morador aqui ficou doente e a comunidade foi ajudar nos serviços da roça” (Agricultora Nere). Na comunidade “geralmente todos se ajudam, pode ser com um

saco pode ser 200”, nessa fala o sr. Francisco estava relatando sobre o mutirão que costuma acontecer para desbulhar o milho retirado da roça e que independente da quantidade todos os moradores se reúnem e ajudam. Isso acontece em todas as casas dos moradores, pois “na comunidade é tudo amigo, a gente faz isso sem ser pago. Quando um precisa ter um serviço pra fazer com urgência, se reúnem e fazem. Um ajuda os outros” (Agricultora Maria José).

### 3.2 PRÁTICAS PRODUTIVAS DESENVOLVIDAS NA COMUNIDADE

Segundo dados da pesquisa realizada na comunidade, o trabalho agrícola é visto pelos agricultores como essencial pelo fato de atender, em grande medida, as necessidades alimentares das famílias. Entre as atividades agrícolas executadas, estão: o plantio das culturas, o manejo da terra, a colheita, a criação de animais e aves, a pesca e a caça.

Na entrevista, quando perguntei aos agricultores quais culturas eles costumavam plantar foi possível observar uma similaridade no cultivo do feijão e do milho, reconhecidos como alimentos básicos para a refeição das famílias (Heredia, 2013). Embora com menor frequência, a fava também foi mencionada por alguns dos entrevistados. Além disso, os moradores da comunidade costumam plantar hortaliças, frutas e plantas medicinais no quintal da casa.

Segundo Poel (2003), os quintais, também chamados de terreiros, são espaços onde se realizam práticas associadas à vida agrícola e doméstica, sendo também um espaço de vida da família. O quintal é um lugar do domínio da mãe, pois geralmente é ela quem limpa, cuida e produz os alimentos ali. No terreiro são estabelecidas as relações de sociabilidade, as brincadeiras de crianças, e a ajuda mútua aos pais no trabalho.

Na comunidade Chapada, as donas de casas mantêm zelo pelo terreiro. É nesse ambiente onde as árvores frutíferas são cultivadas, como a planta do mamão, banana, maracujá, acerola, seriguela, pinha, goiaba, limão e manga. Para uma das moradoras, “as frutas servem pra gente comer e fazer sucos” (agricultora Vandeilza, 2023). Quando é um ano de boa produtividade da fruta, os moradores costumam compartilhar com os outros moradores da comunidade.

A fruta orgânica é muito valorizada nesse espaço, porque é um motivo de satisfação poder semear e regar um “pé de fruta” e, posteriormente, ver os êxitos do

seu trabalho. Há alegria em residir em um lugar onde se pode plantar e colher frutas diretamente do quintal, livres de agrotóxicos, para fazer sucos totalmente naturais e saboreá-las, como acrescentou dona Marluce: “morar no sítio e poder plantar e comer do que se planta é uma riqueza”. Nesse espaço também é cultivado abóboras, geralmente conhecidas no Nordeste por jerimum. Os tipos mais usados pelos agricultores do lugar onde pesquisei foram o jerimum “caboclo”, de “leite” e a abobrinha. Esses alimentos são semeados e colhidos para compor a alimentação na mesa da família. O quintal é considerado como um lugar multiuso, dado que, nele também são feitos chiqueiros para o criatório das aves.

**Figura 7** - Chiqueiro usado para confinar as aves



**Fonte:** Juliana Nunes, dezembro de 2023

O chiqueiro é feito com paus que são cortados das árvores do roçado e moldados no tamanho desejado. Ele serve para prender as galinhas e galos, geralmente quando há intenção de abater para alimento da família, antes é feito esse processo para “limpar” as aves, ou seja, permitir que ela ingira somente milho ou algo

considerado próprio até esse dia. A seguir, alguns registros das sementes cultivadas nos quintais de casa.

**Figura 8** - Bananeira com cacho de banana



Fonte: Juliana Nunes, março de 2024

**Figura 9** - Plantação da semente da manga em vaso para a germinação



Fonte: Juliana Nunes, dezembro de 2023.

**Figura 10** - Planta da ciriguela com frutos



Fonte: juliana nunes, janeiro de 2024

**Figura 11** - Planta da acerola



Fonte: juliana nunes, março de 202



**Figura 12 - Planta do mamoeiro**



**Fonte:** juliana, março de 2024

**Figura 13 - Maracujá colhido do quintal**



**Fonte:** Juliana Nunes, outubro 2023

**Figura 14** - Jerimum colhido do quintal



**Fonte:** juliana nunes, março de 2024

O solo é adubado com esterco bovino antes dos pés de frutas serem plantados. O estrume como é popularmente conhecido oferece sustentabilidade ambiental, redução dos custos, fonte de nutrientes para o solo, melhoria na disponibilidade de nutrientes, teor de matéria orgânica e estímulo à atividade microbiana (Blog premix, 2023). Normalmente, as plantas são compartilhadas entre os membros da comunidade para o cultivo no terreiro, dificilmente as pessoas precisam comprar a não ser que nenhum morador possua. No inverno, as ervas cultivadas têm um desenvolvimento melhor, porém, na seca é necessário que haja um cuidado maior na preparação do solo, sendo preciso utilizar água dos reservatórios para a irrigação.

No mês de outubro alguns pequenos produtores já começam a preparação para a terra, na espera das primeiras “chuvadas” que acontecem no semiárido nordestino, no período de janeiro-março, se intensificando em março-junho. A preparação da terra desses agricultores começa cedo porque algumas famílias não têm mão de obra suficiente para a realização do trabalho. Para Herédia (2013), o trabalho realizado na roça possui um caráter familiar devido ser o grupo doméstico que realiza as tarefas,

esse caráter permanece mesmo que em algumas situações haja a necessidade de o dono da casa contratar um trabalhador.

Na comunidade Chapada, algumas famílias possuem só um membro masculino, assim, este, precisa iniciar com os trabalhos antes do tempo para quando a chuva chegar à terra já esteja apta para a plantação, pois, geralmente, todo o trabalho da preparação da terra é o homem que realiza, por ser considerado uma atividade que exige muitos esforços.

Lembro-me que durante as primeiras chuvas, a rotina dos membros de cada família que ali viviam era similar. Acordávamos por volta das 05h30 da manhã, junto com os meus irmãos(a) e meu pai para irmos a roça que ficava, aproximadamente, 10 min de casa percorrendo a pé. Eu e as minhas irmãs levávamos os grãos de milho, feijão e melancia para plantar, e o meu pai com o meu irmão levavam a foice e o enxadão para cavar os buracos para a sementeira. Em casa, é comum ficar uma ou duas mulheres arrumando a casa, preparando o café e o almoço.

Enquanto trabalhávamos, costumávamos prostrar – conversar-, como dizia o meu pai, José Nunes da Costa, agricultor desde sempre, que conviveu na comunidade Chapada até o seu falecimento, sendo o morador mais velho do lugar, com 98 anos. Ele contava suas histórias de vida repleta de ensinamentos e saberes, também cantávamos uma música para animar o trabalho exaustivo. Em meio a conversa, meu pai trazia à tona um questionamento que se faz presente no vocabulário de muitos agricultores, principalmente no momento da plantação, que era: “será se esse ano o inverno vai ser bom pra gente ter uma boa colheita?” A preocupação se dava pela importância da chuva e pelo impacto que ela tinha no desenvolvimento das lavouras.

Antes de acontecer o plantio na roça, é necessário a realização de algumas atividades, que são feitas com práticas rudimentares. Essa etapa é denominada “preparação da terra”, como mencionado anteriormente, geralmente, são os homens que trabalham, visto que, essa etapa exige muitos esforços. O processo de produção das culturas acontece, inicialmente, com a “broca do mato” ou “roça do mato” como é popularmente conhecido, que é cortar as árvores da roça com o auxílio de uma foice. A madeira que é cortada é separada para ser usada como combustível do fogão à lenha, presente em todos os estabelecimentos da comunidade. A etapa seguinte é encoivarar, ou seja, os restos dos matos cortados são juntados em porções e queimados.

**Figura 15** - Broca do mato e a aração da terra



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2023

O procedimento do plantio começa quando chegam as primeiras “chuvadas”. Diferentemente do processo da preparação da terra, onde só os homens trabalham, no processo da plantação as mulheres também participam. Inicialmente, os homens cavam as “covas” – buracos – formando carreiras, com a ajuda da enxada – cavador manual-, em seguida, as mulheres jogam as sementes e cobrem as covas com a terra, usando os pés para facilitar o trabalho e não ter que se curvar sempre. Nesse procedimento os filhos – crianças e adolescentes - também ajudam. Em alguns casos, quando não há árvores na roça, é utilizado o arado – máquina de tração animal para preparar a terra e uma máquina para plantar o milho e o feijão. A quantidade de sementes é contada antes de jogar nas covas, sendo o feijão 3-4 grãos e o milho 4-5.

Logo após esse processo, os agricultores aguardam a chuva cair para molhar a terra e nascer o milho, o feijão e a esperança de um ano com “fartura” [boa produção agrícola].

**Figura 16** - Roça de milho e feijão



**Fonte:** Juliana Nunes, 2023

### 3.3 PROJETO COOPERAR- PB

Com o intuito de combater a vulnerabilidade da população da zona rural, o Governo do Estado da Paraíba em parceria com o Banco Mundial tem criado políticas públicas com o intuito de diminuir a pobreza no campo e apoiar a agricultura familiar. Nesse sentido, uma das ações executadas diz respeito ao Projeto Cooperar do Estado da Paraíba- COOPERAR/ PB, criado em 10 de setembro de 1997, pela Lei nº 6.523, que é,

[...] parte de um programa mais amplo do Banco Mundial, de combate à pobreza rural, no Nordeste, o Northeast Rural Poverty Alleviation Programa- Programa de alívio à pobreza rural no Nordeste -, e está plenamente articulado as novas estratégias dessa instituição, delineadas a partir do objetivo de combater a pobreza através do estímulo a participação das populações locais na definição dos investimentos do Estado (Vieira, 2008, p. 113).

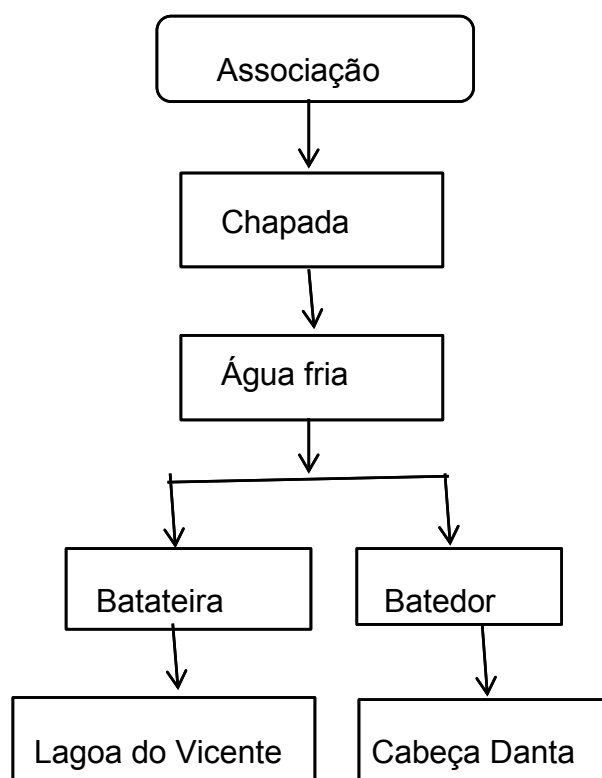
Os subprojetos são desenvolvidos nas comunidades a partir das associações. Cada associação tem um(a) presidente(a) que é eleito(a) através de uma eleição feita entre os associados de cada comunidade. Com isso, são realizados encontros para discutir a principal demanda da comunidade, quando chega a um consenso o pedido é enviado ao Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável – CMDRS. Após o CMDRS receber as solicitações das demandas, é marcada uma reunião para

debater alguns critérios como a “legitimidade referente ao estatuto, tempo de vida de existência da associação, procedência nas participações das reuniões, entre outros aspectos”. É o CMDRS que estabelece a ordem de prioridade dos subprojetos apresentados (Pereira, 2021, p. 55).

Com relação a forma como esse procedimento acontece, Gomes (2013, p.181) critica a falta de participação dos agricultores nessas reuniões em que são decididas as prioridades dos subprojetos “com uma série de programas, prazos e critérios que deveriam ser discutidos, nem sempre os agricultores estão presentes nas reuniões, ficando à mercê das decisões conduzidas nas reuniões do Conselho sobre quais associações serão beneficiadas”.

Nesse processo, Segundo Pereira (2021, p. 55), o Banco Mundial ocupa o papel de “fiscalizador junto ao tomador do empréstimo”. No que se refere ao Governo da Paraíba, os empréstimos contratados são discutidos por uma comissão com o intuito de “estudar e analisar juntos os meios e as formas mais adequados para gastar esse recurso financeiro”.

A comunidade Chapada faz parte de uma associação que abrange 6 comunidades, como mostra no fluxograma abaixo:



Fonte: elaboração própria, 2024

As reuniões feitas com os associados acontecem 1 vez por mês em um antigo colégio situado na Comunidade Lagoa do Vicente com o objetivo de discutir as principais necessidades da comunidade. Na **figura 17**, mostra os associados das comunidades.

**Figura 17** - Reunião da Associação realizada na comunidade Lagoa do Vicente



**Fonte:** arquivo pessoal, 2023

Na entrevista realizada com a presidente da associação Chapada, Dona Josemere, que ocupa o cargo há 4 anos, é relatado por ela que o primeiro projeto desenvolvido na associação da comunidade Chapada foi através do Centro de Educação Popular e Formação Social – CEPFS, situado na cidade de Teixeira, no Sertão Paraibano, que o primeiro projeto chegou até a comunidade. O CEPFS é uma organização criada em 1985, que desenvolve ações com o intuito de promover soluções que melhorem a qualidade de vida das comunidades do Semiárido Paraibano. O foco principal se concentra no desenvolvimento sustentável da agricultura familiar, buscando alternativas que ajudem na convivência com a realidade

de cada região (Rodrigo, 2023). Na entrevista, D. Josemere, evidencia a importância do Centro.

O primeiro projeto foi através do CEPFS que conseguiu duas cisternas para o município de Imaculada e uma delas veio para a associação daqui e a partir disso eu fui tendo conhecimento sobre os projetos. O CEPFS ajuda muito as comunidades, a partir disso começou a vir outros projetos (Josemere, presidente da associação da comunidade Chapada, 2023).

Os projetos que são disponibilizados são do governo Federal e Estadual e só chegam às comunidades através de uma associação, que só se beneficia quem é sócio. Por isso, as comunidades precisam criar uma associação para que os projetos cheguem até eles. No que diz respeito aos projetos do Estado,

É disponibilizado para as pessoas que fazem parte da associação e do fundo Rotativo Solidário que é uma associação onde paga uma mensalidade que hoje é no valor de 3 reais, mas esse dinheiro não vai para fora, é pra ficar servindo a comunidade. Essa estratégia foi criada devido ao Projeto Cooperar, do governo Estadual (Josemere, presidente da associação da comunidade Chapada, 2023).

O dinheiro destinado para o Fundo Rotativo permanece guardado e em casos de necessidade serve de auxílio para a comunidade, por exemplo, “quando um sócio ou um familiar está doente e ele precisa de dinheiro, pode pegar emprestado e devolver aos poucos, sem juros”, acrescenta D. Josemere.

Com relação aos projetos que estão disponíveis para os sócios, destacam-se na **Quadro 2**.

**Quadro 2** - Tabela de projetos - descrição do que se trata

<b>Cisterna de placas 1° água – 16 mil L</b>	Reservatório que capta e armazena água das chuvas através do telhado das casas e o seu uso é prioritário para o consumo humano, como beber e cozinhar
<b>Cisterna-calçadão 2° água – 52 mil L</b>	Reservatório para captação de água da chuva para produção de alimentos, plantas medicinais e criação de animais potencializando os quintais produtivos



<b>Criatório de avicultura</b>	Construção da estrutura física de aviários
<b>Criatório de ovinos</b>	Construção da estrutura física para o confinamento de ovinos
<b>Criatório de caprinos</b>	Construção da estrutura física para o confinamento de caprinos
<b>Perfurações de poços</b>	Trata-se da perfuração de poço artesiano para bombear dos açudes das localidades
<b>Plantação da palma forrageira</b>	Plantio de produção de palma forrageira para suprir a carência alimentar de bovinos em períodos de seca ou estiagem prolongada
<b>Horta orgânica</b>	Sistema de desenvolvimento da horta orgânica para a produção de alimentos
<b>Produção de mel com abelhas sem ferrão</b>	Criação de abelhas sem ferrão para a produção de mel, considerada uma atividade sustentável, fácil manejo, baixo custo e com relevante papel na manutenção da biodiversidade. São investidas capacitação e aquisição de equipamentos.

**Fonte:** elaboração própria, 2023

A comunidade Chapada foi beneficiada com 6 vagas para os projetos da cisterna de 16 mil litros e a de 52 mil litros, o criatório de avicultura, o criatório de ovinos e a horta orgânica, essas vagas foram sorteadas entre as pessoas que fazem parte da associação. O diálogo a seguir é com uma das pessoas que fazem parte da associação:

- **Juliana:** como é que funciona esses projetos?

- **Ivantage:** O dinheiro veio, tipo empréstimo, mas só pra quem já tem, tipo... galinha, porco, bode, que é pra complementar a renda da família, mas depois a pessoa tem que ir pagando ao fundo rotativo até devolver o dinheiro todo.

- **Juliana:** Hum, no caso tem que devolver o dinheiro?

- **Ivantage:** É, mas não é pra eles lá [órgãos do governo], o dinheiro fica na associação mesmo, no fundo rotativo.

- **Juliana:** O dinheiro veio para os sócios fazerem uma construção física para os animais e aves ou é para aumentar o criatório comprando mais?

- **Ivantage:** Se der pra fazer, tipo... o cercado e se sobrar pode comprar mais bode, do mesmo jeito as outras coisas também, eu não quis o projeto porque logo de início eu percebi que tinha que devolver o dinheiro, tipo... emprestado, não sai de graça.

(caderno de campo, 2023)

Segundo a entrevistada [Ivantage], algumas pessoas sentem receio em aceitar os projetos e depois ficar devendo, ou seja, ser submetida a devolver o dinheiro completo.

Entretanto, é notório a importância que a associação e os projetos, que chegam na comunidade Chapada através dela, representam na vida dos agricultores, como pode ser visto no diálogo abaixo:

- **Juliana:** O que a sra. acha da associação?

- **Josemere:** A associação é muito boa porque além da gente conseguir vários projetos, também é um documento a mais para o agricultor conseguir se aposentar ou quando precisar de algum benefício do INSS é uma prova a mais que trabalha na agricultura né

- **Juliana:** Hm... entendi. E com relação aos projetos que vem, a sra. já foi beneficiada com algum?

- **Josemere:** Consegui da horta orgânica que tem me ajudado bastante, porque antes o lugar onde eu plantava não era adequado, as galinhas entravam, ciscava e eu perdia a horta.

(entrevista realizada com a presidente da associação – D. Josemere, 2023)

**Figura 18 - Horta antiga**

**Fonte:** pesquisa de campo, 2023

A figura acima mostra a horta que D. Josemere possuía, não tinha uma boa proteção que suspendesse a entrada das galinhas. Como ela cita no diálogo, essas aves entravam e destruíam as hortaliças. A horta de D. Josemere serve como complemento para a renda da família, tudo que é produzido, como: coentro, alface, cebolinha e couve, são comercializados em algumas comunidades e na cidade. Também são cultivados plantas medicinais, pimentas e chuchu para o uso da família

Na figura abaixo podemos observar a nova horta que D. Josemere conseguiu através do projeto.

**Figura 19** - Projeto da horta orgânica



**Fonte:** pesquisa de campo, 2023

**Figura 20** - Plantação de mudas na horta



**Fonte:** pesquisa de campo, 2023

Ela destaca a importância que o projeto da horta orgânica lhe proporcionou: “A horta que consegui tem me ajudado bastante. Através do projeto minha vida melhorou 100%. Porque agora tudo é fechado, organizado e todo final de semana eu tenho [as hortaliças para vender e consumir]”.

Os agricultores da comunidade que não dispõem do projeto, criam suas próprias estratégias para cultivar as hortaliças.

**Figura 21** - Alface plantado em garrafa pet



**Fonte:** pesquisa de campo, 2023

Esse registro foi na casa do sr. Valdete. A verdura é plantada em objetos improvisados [como mostra a figura], regado com água da cisterna e, posteriormente, é consumido quando as folhas já estão grandes.

### 3.4 A PLURIATIVIDADE NO MEIO RURAL

Segundo Schneider (2003), as discussões sobre o conceito de pluriatividade ainda são recentes no Brasil, mas aos poucos vem ganhando notoriedade pelos pesquisadores, tendo em vista a importância para a compreensão da dinâmica rural.

Assim, o autor destaca três períodos relacionados ao início dos primeiros estudos feitos sobre a pluriatividade.

Os estudos tiveram como partida os escritos de Seyferth sobre a relação entre o campo e a cidade, vivenciado pelos colonos-operários (1984; 1987). Em seguida, pesquisadores começaram a utilizar os termos *part-time farming*: agricultura em tempo parcial e *pluriactivité*: pluriatividade, para caracterizar a combinação de rendas feitas em tempo parcial pelos participantes da mesma família. A última etapa classificada atinge a década de 1990 até a atualidade, que seria acerca das perspectivas que a temática obteve devido a definição dada por Fuller (1990), visto como um

elemento de diversificação que pode se produzir no interior da família ou a partir do exterior, pois ela funciona como uma estratégia que se modifica de acordo com a dinâmica das famílias e de sua relação com a estrutura agrária (Brun e Fuller, 1991)

Esses estudos mantinham o foco nas atividades agrícolas e não-agrícolas executadas pelos camponeses para a complementação da renda. Cabe destacar que em estudos consecutivos, Fuller e Brun (1988), diferencia os termos *Part-time farming* e *Pluriactivité* ou *pluriactivity*. Com relação ao primeiro ele acrescenta que:

[...] o termo ‘*part-time farming*’ em seu uso comum, até muito recentemente, tinha mais confundido do que clarificado a questão. O termo confunde a distinção existente entre a unidade produtiva enquanto uma entidade física (como um espaço) e os ocupantes desta unidade (a família ou a unidade doméstica), os quais decidem gerenciar esta unidade de diferentes maneiras, inclusive combinando tarefas agrícolas com outras atividades [...] Os termos *part-time farm*, *part-time farmer* e *part-time farming* têm sido utilizados de forma intercambiável, o que contribui para o surgimento de noções errôneas ou pressupostos equivocados associados a este fenômeno. É possível dizer que uma *part farm* é uma unidade produtiva que oferece, ou na qual é alocado, menos do que um ano completo de trabalho. O conceito de *part-time farming* pode ser utilizado, de forma mais precisa, para definir situações nas quais, devido ao tamanho físico ou a uma opção de gestão, a unidade produtiva é cultivada através do investimento de menos do que um ano completo de trabalho (Fuller e Brun, 1988, p. 150, apud Schneider, 2003).

No tocante a definição do segundo termo, ele destaca;

[...] o termo procura focalizar as diferentes atividades e interesses dos indivíduos e famílias que vivem na unidade produtiva. Preocupa-se tanto com a reprodução social e a participação no mercado de trabalho rural como com a terra e as questões agrícolas. A pluriatividade implica uma forma de gestão do trabalho doméstico em que o trabalho agrícola se encontra sempre incluído, podendo não ser, no entanto, uma atividade exclusiva ou mesmo a atividade mais importante. Outras atividades podem ser assumidas com o objetivo de sustentar ou de dar suporte à unidade doméstica, podendo também ser motivadas por considerações não-relacionadas à agricultura. A pluriatividade nos permite questionar o pressuposto de que a *full-time farming* é a norma e, portanto, algo bom, e de que a pluriatividade é um estado temporário ou um mal necessário no desenvolvimento econômico das unidades produtivas, das famílias ou das áreas rurais. A pluriatividade, entretanto, em seu sentido ideal,

não é facilmente mensurável através das estatísticas oficiais disponíveis” (Fuller e Brun, 1988, p. 150, apud Schneider, 2003).

Os esforços para a inserção da pluriatividade no campo acadêmico possibilitaram o uso do termo como o mais adequado para se referir ao fenômeno em que há diversidade de trabalho e renda em unidades familiares de produção (Schneider, 2003). Assim, o termo passa a ser reconhecido por pesquisadores e estudiosos como uma estratégia utilizada pelos agricultores, com o objetivo de proporcionar mudanças sociais e econômicas no espaço rural onde vive (Schneider, 2003; Schneider et al., 2006).

Schneider (2009), entende a pluriatividade como a combinação de atividades, sendo uma delas a agricultura, realizadas por pessoas residentes em espaços rurais que possuem os mesmos laços sanguíneos ou que moram na mesma residência, compartilha o mesmo trabalho e se consideram pertencentes ao grupo familiar. Para o autor o conceito de atividade agrícola/agropecuária, ou simplesmente a agricultura compreende

Uma miríade diversificada e complexa de tarefas, procedimentos e operações que envolvem o cultivo de organismos vivos (animais e vegetais) e o gerenciamento de processos biológicos dos quais resulta a produção de alimentos, fibras e matérias-primas (Schneider, 2009, p. 3)

Para o autor, não existe um único tipo de pluriatividade, mas há uma diversidade de formas. Nesse debate teórico, Schneider apresenta alguns tipos de pluriatividades, sendo: a pluriatividade tradicional ou camponesa; a pluriatividade intersetorial; a pluriatividade de base agrária; e a pluriatividade para-agrícola.

A pluriatividade tradicional ou camponesa se caracteriza como um modo de vida, onde um grupo de agricultores, relativamente autônomos, produzem para o autoconsumo e mantém pouca ligação com os mercados. As atividades realizadas são de produção, transformação e artesanato dentro da comunidade. Esse fenômeno é considerado usual pelo fato de que sempre existiu no meio rural.

A pluriatividade intersetorial é a combinação da agricultura com setores da economia, em especial, a indústria e o comércio. Ela está ligada a dois fatores: a rurbanização, caracterizada pela convivência das qualidades do rural e do urbano, e ao fenômeno das transformações advindas do pós-fordismo fundamentada na ideia de flexibilização, do atendimento a um público específico e com um mercado diferenciado.

A pluriatividade de base agrária ocorre em situações em que o agricultor trabalha em atividades agrícolas, mas a maior parte do tempo realiza tarefas para os vizinhos, a exemplo dessas tarefas pode-se citar o plantio, a colheita, o manejo do solo e o transporte de alguma coisa, realizadas mediante o pagamento em dinheiro; ou em situações em que atividades são geradas pelo setor agroindustrial, o qual contrata integrantes de agricultores de uma família que residem no espaço rural para atuar em tarefas de produção agrícola; e ainda em situações em que são realizadas atividades informais no meio rural. À exemplo das pessoas que vendem produtos de casa em casa, diaristas que, muitas vezes, precisam se deslocar quilômetros de distâncias até a cidade, e pessoas que realizam prestação de serviços ligados à colheita.

Por fim, não menos importante, a pluriatividade para-agrícola é baseada na realização de atividades que visam a transformação da produção agrícola (in natura ou de derivados) podendo ser obtido dentro da comunidade em que mora ou fora dela, com o objetivo de comercializar. Assim, à medida que a produção aumenta e alcança outros lugares, surge uma nova atividade ou outra ocupação que gera no espaço rural essa pluriatividade, chamado no Brasil de agroindústrias rurais familiares (Schneider, 2006).

Na comunidade Chapada os agricultores complementam as atividades agrícolas com outras atividades não-agrícolas, se encaixando na pluriatividade de base agrária, pois são realizadas tarefas na roça dos vizinhos, transporte de água e lenha por meio do carro de boi, atividades informais etc.

- **Juliana:** Há outras rendas - além do auxílio emergencial, aposentadoria, e o que produz na roça - que ajudam no sustento da casa?

- **Valdete:** Quando aparece um dia [de trabalho], a gente trabalha fora

- **Juliana:** Esses trabalhos aparecem com frequência?

- **Valdete:** Não, é mais quando tá perto do tempo de inverno que o povo precisa.

O “trabalhar fora” destacado nas falas se refere a trabalhar nas roças de vizinhos e de pessoas conhecidas que residem em outras comunidades. As atividades incluem: plantar, catar feijão, arar terras, brocar mato, cortar madeiras para usar no fogão a lenha, além disso, alguns trabalham como ajudante de pedreiro. Essas estratégias do trabalho fora de casa estão presentes na maioria dos discursos dos



entrevistados, podendo ser visto também na fala dos agricultores. “A única estratégia para complementar a renda é o marido ir viajar e trabalhar fora” (Agricultora Raissa, 2023). O “ir viajar” significa o deslocamento que muitos agricultores – residentes na área estudada – fazem para outros Estados como Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Norte para trabalhar em empresas de construção civil, como ajudante de pedreiro, ou no corte de cana em Mato Grosso do Sul.

Em determinadas situações, quando o homem precisa exercer essas atividades fora da residência, seja viajando para outros Estados ou em comunidades próximas, os animais ficam sob o cuidado das mulheres, em outros casos, o homem evita aceitar esses trabalhos devido aos seus afazeres em casa.

- **Irma:** Algumas vezes o marido trabalha fora, mas é muito difícil, é raridade ele trabalhar. Porque ele trabalha mais na roça, cuidando dos bichos [vacas, bois] dele.

Sobre o trabalhar fora, Janilson acrescenta,

- **Janilson:** Eu trabalho fora nas roças dos outros, quando aparece alguma construção de casa e me chamam para trabalhar como ajudante do pedreiro eu vou. Quando as coisas aperta eu viajo pra outro estado, só o auxílio não dá, não.

Com relação ao trabalho doméstico, geralmente as mulheres se deslocam da comunidade para executar o serviço na cidade “Eu trabalho três dias da semana em casa de família, arrumando a casa”, sendo preciso se deslocar da comunidade para a cidade, devido “o dinheiro que a gente recebe do auxílio é pouco, aí tem que procurar outros serviços” (Agricultora Vandeilza).

Para Donaton (2013, p. 44) “as estratégias desenvolvidas pelos produtores rurais é um elemento importante para sua permanência no meio rural” e acrescenta “as atividades que se realizam, em cada lugar, tornam-se variadas, já que são desenvolvidas a partir de um conjunto de elementos que dão características comuns a um determinado local”. Essa pluriatividade é um meio que esses agricultores encontram para complementar a renda econômica da família, além de ser uma forma de assegurar a reprodução social.

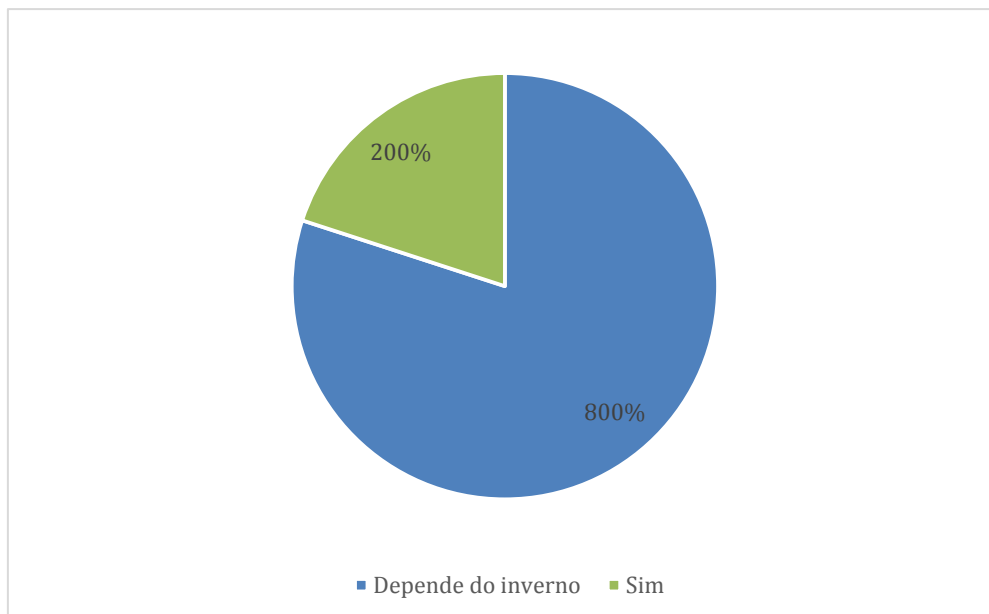
### 3.5 A AGRICULTURA É UM TRABALHO QUE SUSTENTA?

De acordo com alguns autores brasileiros (HERÉDIA, 1979; GARCIA JR. 1983,1989; WOORTMANN, WOORTMANN 1997; CÂNDIDO, 2001), a organização da unidade familiar e produtiva é feita com o intuito de atender a subsistência da família. Para isso, os camponeses cultivam diversos itens como a horta, a produção de frutas, a lavoura, o criatório de animais domésticos, a caça, a pesca etc. Todavia, quando necessário os agricultores ainda precisam vender a sua força de trabalho como complemento à subsistência (Grisa; Schneider, 2008).

Segundo Grisa e Schneider (2008, p. 485), a produção para o consumo familiar ampara, em grande medida, as necessidades alimentares das famílias. Porém, nem todos os produtos alimentícios necessários são produzidos pelas famílias, assim, se faz necessário que seja estabelecido uma relação com os mercados, em muitos casos, essa relação é feita através da comercialização da metade dos produtos produzidos pela unidade familiar. Nesse caso, há uma mudança na organização econômica e produtiva dos camponeses, que passam a produzir não somente para a subsistência, mas para o autoconsumo. Para estes autores, a produção para a subsistência “pressupõe somente o que é consumido pela família”, enquanto o autoconsumo “envolve ainda a produção destinada à circulação mercantil, a partir da qual são adquiridos recursos igualmente importantes para a reprodução social”.

Durante as entrevistas e as conversas ocorridas no campo da pesquisa notou-se que a agricultura é considerada um trabalho que sustenta os agricultores familiares, porém, não é suficiente, tendo em vista muitas variáveis, como: a pequena quantidade de mão de obra na unidade familiar, já que esta é indispensável. Quando há muitos membros na família que trabalham na roça, conseqüentemente, os hectares de terra cultivados serão maiores e, assim, o lucro. Ao contrário, quando há poucos membros, a terra cultivada é menor, igualmente o lucro; as mudanças climáticas é outro fator que também interfere na insuficiência dos alimentos, já que “nem milho nem feijão suportam bem a irregularidade da estação chuvosa tão característica do sertão – algo que resulta na probabilidade substancial da perda de safra ou má colheita em anos de pluviosidade irregular (IPECE, 2006, p. 3 apud Morisson, 2010, p. 144)”.

**Gráfico 3** - Os produtos que são cultivados na roça são suficientes para o sustento da família?



**Fonte:** dados da pesquisa, 2023

Ao analisarmos o gráfico podemos perceber que dos 10 agricultores que participaram da entrevista, apenas 2 afirmaram que a agricultura sustenta a unidade familiar durante todo o ano, incluindo os períodos em que o inverno é ruim.

- **Juliana:** os produtos que são cultivados na roça são suficientes para o sustento da família?

- **Adesisto:** Com certeza. Até o inverno dá pra ter o mantimento

O sr. Adesisto (Dodô), contrata trabalhadores para fazerem todo o processo no roçado: cultivar a terra, plantar e colher. Ele tem 64 anos e mora sozinho, por isso não pode executar os trabalhos da agricultura por conta própria. Segundo o sr. Adesisto, o milho e o feijão da roça são suficientes já que só ele consome.

O sr. Francisco (Chiquinho), 51 anos de idade, também afirma que a agricultura é suficiente, segundo ele

É suficiente, quando o inverno é bom dá pra chegar o outro ano e nós não vende, bota em um depósito e graças a Deus nós espera até dois anos. Quando a falta de chuva prejudica a produção nós usamos o legume que guarda no depósito, sempre valendo dois anos, porque o ano pode ser ruim dá para esperar para o outro.

Os outros 7 agricultores responderam que dependia do inverno, se fosse bom os legumes eram suficientes, caso contrário, não eram. A seguir, apresento o diálogo

com alguns agricultores, especificamente, com os mais velhos que residem na comunidade. A primeira conversa é com o sr. Valdete, 57 anos de idade.

- **Juliana:** Os produtos que são cultivados na roça são suficientes para o sustenta da família?

- **Valdete:** É... dá. Quando há inverno é suficiente.

- **Juliana:** Hum. Esse ano foi bom?

- **Valdete:** Foi variado. Não foi muito bom, não.

- **Juliana:** Aí quando não há chuva suficiente para colher uma quantidade boa de legumes, você compra para complementar até o próximo inverno?

- **Valdete:** É. Tem que trabalhar fora pra comprar algum legume se precisar. É isso mesmo que a gente tem. A única solução é a bolsa família que sempre vem pra mão da gente.

Resposta da agricultora Dona Maria José (Cola), 67 anos de idade:

- **Maria José:** São suficientes. No ano que lucra pouco, a gente compra e coloca no depósito e tira o resto do ano.

- **Juliana:** Quando a falta de chuva prejudica a plantação, o que a senhora vai para suprir a baixa safra?

- **Maria José:** Esse ano as pessoas lucraram, mas não foi bom. O feijão mesmo lucrou pouco. Deu pra lucrar pouco, mas deu. Quando lucra pouco, usa o dinheiro da aposentadoria pra comprar.

Resposta da agricultora Dona Maria Marluce, 66 anos de idade:

- **Marluce:** Nesse ano não foi suficiente, só lucrou meio saco de feijão e oito sacos de milho. Aí o feijão eu estou comprando. No ano passado o feijão ainda chegou no inverno, mas esse ano o feijão só deu meio saco.

- **Juliana:** Entendi. Como a senhora faz para comprar o feijão e o milho quando não são suficientes para o ano todo?

- **Marluce:** Compra com o dinheiro da aposentadoria, é o único que a gente tem. Os bichos são poucos não dá para vender.

Resposta da agricultora e professora Dona Maria Irma, 53 anos de idade:

- **Maria Irma:** É suficiente quando o inverno é bom.

- **Juliana:** E quando o inverno não é bom, a senhora precisa comprar o milho e feijão?

- **Maria Irma:** Sim, uso o dinheiro que eu ganho mesmo... pra comprar milho, feijão, água e ração.

Resposta da agricultora Dona Maria Josemere (Nere), 43 anos de idade:

- **Maria Josemere:** Depende do inverno. Esse ano não foi suficiente o milho e em alguns anos o feijão também não é suficiente, depende muito das chuvas. Esse ano foi muita chuva de uma vez só e de repente faltou chuva.

- **Juliana:** Quando as chuvas são irregulares assim a produção não se desenvolve bem, né?

- **Maria Josemere:** Não, a gente lucra pouco ou perde. Quando é assim eu vendo os animais pra complementar o legume, porque o bolsa família só dar pra fazer a feira e pagar a farmácia. Então eu vendo galinhas, vendo carneiro e compro de milho. O milho uso pra o consumo de casa e para os animais.

Não é todos os anos que os agricultores lucram o suficiente, ficando a margem de trabalhos não-agrícolas, vendas de animais e auxílios governamentais, para comprar o milho, feijão e os demais alimentos que não são produzidos no roçado.

Em algumas residências onde só mora 1 ou 2 pessoas, se torna mais “fácil” comprar, pois a quantidade não precisa ser muita, porém nas residências onde tem 3 ou mais pessoas se torna mais difícil adquirir o legume que seja suficiente para passar todo o ano até o próximo inverno.

## 4 ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA PARA VIVER NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO E O NOVO PARADIGMA DA CONVIVÊNCIA

O Semiárido brasileiro ocupa uma extensão territorial elevada de 982.566 Km<sup>2</sup>, sendo 18,2% do território nacional e 53% da região Nordeste. A área abrange 1.133 municípios e 10 Estados, que consiste na ocupação do Ceará com 86,8%, Rio Grande do Norte com 93,4%, Paraíba com 86,6%, Pernambuco com 88,0%, Piauí com 59,9%, Bahia com 69,7%, Alagoas com 45,6%, Sergipe com 50,9%, além de 17,7% do Norte de Minas Gerais e cerca de 1% do estado do Maranhão (Conti e Schroeder, 2013).

Registros históricos apontam que a região semiárida possui períodos de secas cíclicas, o que implica dizer que esse fenômeno tende a se repetir ao passar dos anos. A aridez presente nesse âmbito ocorre devido ao “processo de circulação atmosférica global, exógeno à região, estabelecido, possivelmente, no final da era glacial, com efeitos avassaladores” (Suassuna, 2017, p.137). A precipitação pluviométrica do semiárido varia entre 300 e 800 mm por ano, isso mostra que é um espaço onde chove muito, porém, as chuvas nessa área são irregulares e distribuídas de forma desproporcional. Além disso, a evaporação é superior à precipitação, o que implica dizer que a água é facilmente absorvida. Uma das consequências disso é a qualidade da água encontrada no subsolo através das perfurações de poços tubulares, cacimbões ou artesianos, conhecida como água salobra, que não serve para o consumo humano, nem animal (Conti e Schroeder, 2013). Segundo os autores, a palavra “seca” está relacionada a

Tragédia que provoca grandes problemas sociais, econômicos e políticos. Destrói as atividades agrícolas e pecuárias e agrava a falta de água até mesmo para o consumo humano. Ocasiona a sede, a fome e muitas mortes em consequência de doenças provocadas pela ingestão de águas impuras e contaminadas (Conti e Schroeder, p. 59).

O discurso que prevaleceu por muito tempo foi acerca dos problemas sociais predominantes no Nordeste, como “fome, êxodo, falta de água, seca, etc.” acontecerem porque eram a vontade de Deus e da natureza. Para Conti, esses não são os motivadores, mas sim os seres humanos, principalmente os políticos, que

mantêm o poder para dirigir o futuro do semiárido, mas o fazem de maneira adversa. Aquilo que deveria ser o caminho para o desenvolvimento do semiárido, isto é, as políticas, “têm gerado ou não têm enfrentado os problemas da concentração de terra e da água, da concentração do saber, da concentração de oportunidades e, assim, da concentração de renda nas mãos de poucos” (Conti e Schroeder, 2013, p. 57-58).

O semiárido, apesar dos problemas que enfrenta, possui a caatinga como o bioma que ocupa a maior parte da sua área. Conhecido como o bioma resistente a ambientes secos, a caatinga dispõe de uma

Enorme variedade de paisagens, relativa riqueza biológica e endemismo. Sua diversidade é constituída de, pelo menos, 12 tipos diferentes de caatingas, que chamam atenção especial pelos exemplos fascinantes de adaptações ao habitat do Semiárido. A vegetação é composta, principalmente, de espécies lenhosas, cactáceas, bromeliáceas e pequenas herbáceas, geralmente com espinhos e caducifólias. Inclui, pelo menos, uma centena de diferentes tipos de paisagens únicas, sendo rica em espécies. Até o momento foram registradas 932 espécies de plantas vasculares, das quais 380 são endêmicas e 20 gêneros pertencentes a 42 famílias. Além disso, registra-se a existência de 185 espécies de peixes (57% de endemismo), 154 de répteis e anfíbios, 348 de aves (4,3% de endemismo) e 148 espécies de mamíferos. (Barbosa, 2010, p.10 apud Conti e Schroeder, 2013, p. 53).

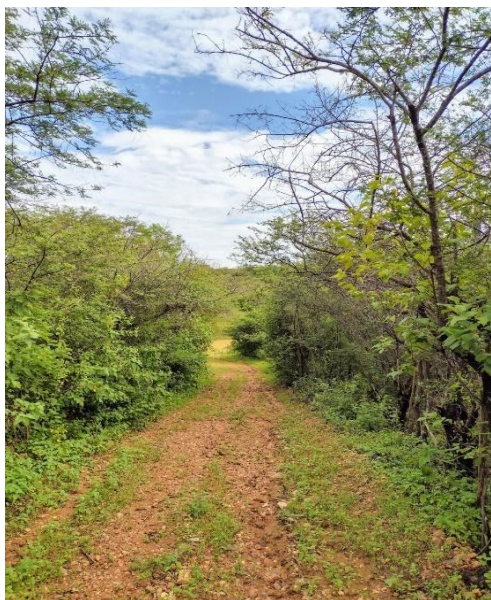
A vegetação muda o seu aspecto dependendo do período, se é seco a sua aparência é rude e sem folhas, mas logo que começa as primeiras chuvas o cenário muda e as plantas começam a se cobrir com folhas verdes, como mostra nas **figuras 22 e 23**, o mesmo cenário em épocas diferentes, primeira foi registrada no mês de dezembro e a segunda no mês de abril.

**Figura 22** - Bioma da caatinga no tempo da seca (verão)



**Fonte:** registro próprio, 2023 – comunidade chapada.

**Figura 23** - Bioma da caatinga no tempo da chuva (inverno)



**Fonte:** registro próprio, 2024 – comunidade chapada.

Ao se inspirar com essa transição, em uma das suas poesias denominada como A Festa da Natureza, o poeta popular Patativa do Assaré, disse: “Chegando o tempo do inverno, tudo é amoroso e terno, sentindo o Pai Eterno, sua bondade sem



fim, o nosso sertão amado, “estrumicado” e pelado, fica logo transformado, no mais bonito jardim” (Assaré, 1978, p. 355). O bioma é composto por muitas plantas que se adaptam facilmente ao ambiente semiárido, sendo elas

As produtoras de óleos, Catolé, Faveleira, Marmeleiro e Oiticica; de látex, Pinhão, Maniçoba; de ceras, Carnaúba; de fibras, bromeliáceas; medicinais, Babosa, Juazeiro; frutíferas, Imbuzeiro e, de um modo geral, as forrageiras. Tem-se um número enorme de plantas e, praticamente, não se conhece nada sobre ela (Suassuna, 2017, p.143)

Para Suassuna, é necessário que haja um olhar mais atento para a vegetação, pois esse é abundante e deveria ser mais explorado economicamente. Segundo o autor, as políticas direcionadas ao semiárido foram àquelas voltadas para o “combate à seca”. Ele acrescenta que

São políticas que estavam e estão voltadas para grandes obras, normalmente destinadas a assistir aos mais ricos e que vinham unidas a projetos assistencialistas voltados para os mais pobres, como doações, esmolas, distribuição de víveres, carros-pipa e ações semelhantes (p, 58)

Atualmente tem surgido um conceito novo quando o debate é o semiárido: a convivência com o semiárido. A concepção para essa discussão parte do seguinte princípio:

Por que os povos do gelo podem viver bem no gelo, os povos do deserto podem viver bem no deserto, os povos das ilhas podem viver bem nas ilhas e a população da região semiárida vive mal aqui? É porque aqueles povos desenvolveram culturas de convivência adequadas ao ambiente, adaptaram-se a ele e tornaram viável a vida. No semiárido brasileiro, essa integração de pessoa e natureza não encontrou uma solução adequada, de modo que o ser humano permaneceu sujeito às variações normais do clima regional (MALVEZZI, 2007, p. 11-12 apud Gomes, p. 176).

A crítica é voltada para a narrativa do combate à seca, sabendo que esta é um fenômeno que não há como ser extinto, entendendo-o como parte da realidade. Sendo assim, passa a ser necessário uma “compreensão do ambiente, de adequação e de adaptação, em que a “técnica apropriada” aparece como o segredo da convivência, não mais uma economia resistente à seca” (Gomes, 2013, p. 176). Essa “construção simbólica” se diferencia da imagem distorcida que é associada ao Nordeste, como afirma Barbosa, p.56 apud Conti e Schroeder, 2013, p.56:

O espaço midiático associado à falta de água, animais mortos, crianças desnutridas, fome, êxodo, terra rachada, pessoas incapazes, indústria da seca; difere-se também de sertão, construído em oposição ao litoral, e difere-se de Norte em oposição ao Sul.

E, acrescenta:

Sendo novo, é pouco carregado de preconceitos e configura uma imagem positiva, não como negação ou oposição, mas como um lugar simbólico. Sem dúvida, a associação de semiárido à ideia de convivência é uma das causas mais consistentes para esta imagem positiva. A natureza no Semiárido brasileiro é rica e diversa (Barbosa, p. 56 apud Conti e Schroeder, 2013).

Segundo Marinho (2007, p. 469), a falta de um conhecimento aprofundado na complexidade do semiárido fez com que surgisse muitas práticas econômicas e tratos culturais que afetaram negativamente o ecossistema, como a “excessiva exploração dos recursos naturais e a ausência dos estudos de ecologia das regiões naturais”, presentes desde a colonização.

Diante do cenário de um nordeste sofrido, a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), organização que atua na gestão e no desenvolvimento de políticas de convivência com o semiárido, passa a desenvolver ações que mostram que é possível conviver nesse espaço, o caminho para esse fim foi através de uma série de estratégias e participações do governo, entre eles estão

Projeto Áridas e do Conviver e, mais recentemente, do P1MC (Programa Um Milhão de Cisternas) e do P1+2 (Programa Uma Terra e Duas Águas), ou ainda apontando para o direcionamento de algumas linhas de crédito, a exemplo do PRONAF (PRONAF SECA e PRONAF SEMIÁRIDO) (Gomes, 2013, p.177).

Essa iniciação toma outros rumos e se volta para ações emergenciais e assistencialistas, que surgem como “atos de bondade”, mas o propósito é manter o povo dependente, “sem vez e sem voz”. Geralmente, essas políticas estão direcionadas ao voto como troca pela ação. Como exemplo, podemos citar os carros-pipas “doados” por políticos no tempo da estiagem às pessoas que residem em comunidades rurais, na intenção de ter como troca o voto na próxima eleição, a pessoa que recebe fica em “dívida” com o político, ou com o intuito de manter o voto que já possui. Assim, as pessoas são deixadas à mercê da disponibilidade de carros-pipas (Conti e Schroeder, 2013, p.58; Gomes, 2013).

Quando a água falta, em tempos de seca, a primeira atitude de muitos agricultores é pedir água ao prefeito, se por algum motivo não for disponibilizado, a segunda opção é a compra “a gente pega água no açude, quando ele seca é a prefeitura que coloca, ou então a gente tem que comprar” (Entrevista realizada com Maria José - agricultora familiar, 2023). O valor do caminhão-pipa varia entre 180 e 500 reais.

Para Gomes (2013, p. 178), “conviver com o semiárido implica no acesso às políticas públicas” que sejam realmente capazes de atender a esse público. E, uma educação contextualizada, para ensinar as pessoas do semiárido a viver nesse ambiente, primeiro conhecendo as suas complexidades para, posteriormente, ser desenvolvido estratégias que auxiliem nessa convivência. Essa lacuna é percebida por Suassuna (2017, p. 58), quando diz que “a educação oferecida aos filhos e filhas dos agricultores, quase sempre é uma educação descontextualizada, que coloca na cabeça das crianças a mentalidade de que na roça e no semiárido não há possibilidade de vida”.

Assim, percebe-se a necessidade de uma proposta que assegure “ser o semiárido viável, ser o seu povo inteligente e capaz, ser a natureza do semiárido rica e possível, desde que os seres humanos com ela se relacionem de modo respeitoso e que haja políticas públicas adequadas” (Suassuna, 2017, p.64), para que haja, de fato, transformações no semiárido e um desenvolvimento rural sustentável.

## 4.2 SABORES, FESTIVIDADES E AFETIVIDADE

Segundo Cândido (2010, p. 34-35), a alimentação vai além do ato de abastecermos com nutrientes necessários para a nossa sobrevivência. Para ele, a alimentação “se torna o centro de um dos mais vastos complexos culturais, abrangendo atos, normas, símbolos, representações”, sendo um “elemento explicativo da vida social”, uma vez que está presente em vários momentos da vida humana, desde o cotidiano até as festividades.

Na área estudada, os alimentos mais consumidos são o feijão, produzido na roça e muito valorizado pelos agricultores; o arroz e o macarrão, ambos comprados no mercado da cidade; o milho, cultivado na roça, também é utilizado pelos agricultores para fazer o cuscuz. Apesar da farinha de mandioca e milho comercializados no mercado serem utilizados pelas famílias, o cuscuz produzido no

moinho pelas mulheres é bastante comum. Na fala de dona Maria José, ela diz: Eu tenho um moinho ali e ainda moio milho. O povo diz que isso é coisa de antigamente, mas aqui a gente ainda moi”. A **foto 16** mostra como é o moinho presente na casa de dona Maria José, utilizado por ela para moer o milho.

**Figura 24** - Moinho usado para processar o milho



**Fonte:** imagem retirada da internet, em 03 de maio de 2024

A imagem foi retirada da internet, tendo em vista que, não foi possível registrar o moinho da casa dela, só o observei, contudo, a foto ilustra exatamente como ele é.

O cuscuz é feito com o milho seco, que é colocado de molho em uma bacia com água até ele ficar amolecido para então ser moído. Depois disso, a massa é peneirada e feito o cuscuz, podendo ser consumido de várias maneiras com leite, manteiga, ovo etc. Também acompanha o feijão para não comer “bebido”. Essa expressão se refere à pessoa quando ela vai comer o feijão sem os acompanhamentos como o cuscuz ou a farinha.

A “mistura”, considerado as proteínas que compõem o prato, geralmente são a carne de boi e frango comprados no mercado. A carne de porco também é consumida, adquirida nos mercados ou através do vizinho que costuma abater o animal e comercializar na comunidade. O ovo, colhido no ninho das galinhas, geralmente perto do terreiro de casa, também é muito recorrente no cardápio das famílias, além disso, está o peixe que é pescado no açude situado na comunidade.

A caçada realizada por alguns dos moradores acontece algumas vezes no mês. Para eles, essa prática é realizada como forma de sociabilidade entre eles, isso porque o animal capturado – Tejo, tatupeba, ticaca etc. -, é trazido para casa, limpando e cozinhando, posteriormente, as pessoas que caçaram se reúnem com os amigos da comunidade para desfrutarem o alimento. É um momento de conversas, risadas e socialização. De acordo com Meneses (2014, p. 277), as escolhas acerca dos alimentos não são feitas de forma aleatória, mas possuem influência do ambiente que cada indivíduo está inserido. A “cultura alimentar” é entendida pela autora como “o conjunto integrado de elementos objetivos e subjetivos, que, de modos diversos, estão presentes na relação que se estabelece entre os homens, o meio e a comida”. A prática alimentar é uma forma dos laços entre os vizinhos, amigos, parentes e família, serem construídos e consolidados.

Os agricultores da comunidade Chapada são muito devotos ao catolicismo, nas festividades dos “santos” que acontecem, a comida está sempre presente. As datas que marcam esse tradicionalismo e religiosidade na comunidade acontecem na Semana Santa e no São João.

A Semana Santa é considerada como

“uma tradição religiosa católica que celebra a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Ela se inicia no domingo de Ramos, que celebra a entrada de Jesus em Jerusalém e termina com a ressurreição de Jesus que ocorre no domingo de Páscoa” (Blogspot, 2017).

Este costume ocorre no mês de abril. Nesse período, o cardápio da mesa das famílias é alterado, as carnes triviais utilizadas na semana são substituídas pelo peixe, já que durante esse tempo não se pode comer carnes vermelhas. É durante essa semana que os bolos de diversos sabores como, o bolo de milho, fubá, laranja, chocolate, leite etc., são preparados. As famílias carregam a tradição de entregar o jejum para o vizinho, esse jejum pode ser qualquer alimento, como um bolo, pacote de arroz, macarrão, um “cozinhado” – quantidade de feijão para ser consumido – de feijão etc.

O São João é uma festividade popular, que acontece no mês de junho, entre as datas 13 a 29, em homenagem aos três santos padroeiros: Antônio, João e Pedro. É considerada a “maior festa representativa da cultura nordestina e como tal une todas as manifestações e tradições da região nordeste” (Silva; Lima, 2015, p. 5). As comidas que se destacam são as feitas com milho, já que é o período das colheitas do milho e

feijão. Entre os pratos típicos estão a canjica, pamonha, bolo de milho, milho cozido e assado.

A preparação das comidas acontece logo cedo do dia, o milho é buscado na roça, a palha é retirada e em seguida o milho é moído para a preparação das pamonhas. Na **figura 25** podemos ver vizinhos reunidos iniciando o processo para a preparação da pamonha.

**Figura 25** - Milho verde sendo tirado a palha para a produção da pamonha (processo)



**Fonte:** registro próprio, 2024

**Figura 26** - Milho sendo ralado para a produção da pamonha (processo)



**Fonte:** registro próprio, 2024

**Figura 27** - Pamonhas prontas em bacias (resultado)



**Fonte:** registro próprio, 2024

Nesse período de festividades, as famílias realizam fogueiras em seus terreiros em homenagem aos santos. É nas noites de fogueiras que os mais velhos (homens e mulheres) são padrinhos das crianças e comadre/compadre uns dos outros.

**Figura 28** - Vizinhas sendo comadres na fogueira de São João



**Fonte:** registro próprio, 2024

#### 4.3 SABERES POPULARES: CLIMAS E PLANTAÇÕES

O agricultor familiar que reside no sertão, caracterizado pelo clima semiárido, buscam formas de lidar com os problemas naturais que afetam essa região, sobretudo a seca e estiagens, para isso ele usa seus conhecimentos empíricos relacionado ao inverno e as plantações como uma estratégia de convivência com o lugar. Esses saberes populares não se estabelecem repentinamente, mas através dos “diversos processos culturais tecidos progressivamente por um povo e transmitidos oralmente “às diversas camadas sociais e gerações distintas, criando um verdadeiro patrimônio cultural do senso comum, constituindo assim a sabedoria popular de um povo” (Oliveira, 2015, p. 2, apud Silva; Moreira; Oliveira, 2022, p. 92). Assim, constituindo-se como o conjunto de “saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural” (Diegues; Arruda, 2001, p. 31 apud Silva, 2013).



As experiências dos agricultores se baseiam em “elementos paisagísticos”, sendo eles: “o comportamento da fauna, da flora, da caatinga, o movimento dos astros, entre outros” (Silva, 2013, p. 58). Na Chapada, os agricultores se apropriam das experiências relacionadas a plantação e as previsões do clima.

Nasci na comunidade Chapada e desde pequena ouvi dos mais velhos, especialmente, dos meus pais acerca desses saberes populares e a maneira como mantinham viva a crença nesses saberes populares. Me recordo que meu pai, José Nunes da Costa (Zé de Júlio), às vezes assistia a previsão do tempo no jornal, mas mesmo que ouvisse a informação que não iria chover, se a experiência de inverno que ele sabia indicasse chuva nas terras do sertão, ele mantinha a fé e a esperança em um bom inverno.

Em conversa com os agricultores, busquei recordar-me acerca dessas experiências. “São muitas experiências”, disse o sr. Arimatéia a mim, “olhe, tem a do João-de-barro. Se ele [João-de-barro] faz a porta da casa pra o lado da nascente (Norte) que é o lado que a chuva vem, não tem chuva, mas quando a porta é pra o lado do poente (Sul), o inverno é bom porque ele já faz a porta ao contrário para não entrar água” (Agricultor Arimatéia, 2023).

O **João-de-Barro**, ave endêmica da América do Sul, costuma construir uma casa de barro para se manter abrigado. Assim, identifica-se se haverá inverno de acordo com o lado que a porta é feita, pois quando o inverno vai ser bom a ave não faz a porta para o lado onde a chuva costuma vir para que a água não entre e inunde a casa, assim, se ao observar a casa do João-de-barro a porta estiver para o lado que a chuva vem, os agricultores entendem que o inverno será ruim. Na **figura 29** abaixo é possível observarmos o João-de-barro e o ninho feito por ele.

**Figura 29** - Ninho feito pelo pássaro João-de-barro



As experiências dos agricultores também se estendem à flora. A **Embiratanha** é uma árvore característica da caatinga, para os agricultores, quando ela produz muitos frutos o inverno naquele ano será com chuvas, como acrescenta o agricultor Arimatéia: “esse ano a embiratanha carregou muito de fruto, no ano que bota tem muita chuva”. Logo abaixo é possível observar a planta a qual ele se refere.

**Figura 30** - Árvore embiratanha



**Fonte:** foto retirada da internet, em maio de 2024

As **Abelhas marimbondo caboclo** também se encaixam nessa experiência, “quando o ano é seco elas [marimbondo caboclo] vão embora tudinho não fica uma”, isso acontece porque “elas são de água, pode olhar, onde tiver água elas tão ao redor. Esse ano mesmo lá em casa tem muita, tão tudo dentro de casa, elas tão com medo da chuva. Esse ano vai ser bom” (Agricultor Arimatéia, 2023).

**Figura 31** - Marimbondo caboclo



**Fonte:** foto retirada da internet, em maio de 2024

A **cigarra** são insetos barulhentos que aparecem em determinados períodos ao longo do ano. “Quando a cigarra canta, aquela que dá um grito igual uma pessoa [se refere ao cantor forte e resistente do inseto], pode ser qualquer dia da semana é indicando chuva, mas ela sempre canta a noite” (Agricultor Arimatéia, 2023).

**Figura 32** - Cigarra



**Fonte:** foto retirada da internet, em maio de 2024

O **Embuá**, também conhecido como piolho-de-cobra, apresenta aos agricultores experiências de inverno a partir de seus feitos. “Quando o embuá tá atrepado [em cima] em alguma coisa é porque o ano vai ser bom de chuva” (Agricultora Marluce, 2023). Esse animal de muitas patas, costuma ser visto andando pelo chão, assim, quando é visto em paredes, árvores ou afins, os agricultores entendem que haverá chuvas.

**Figura 33** - Embuá



**Fonte:** foto retirada da internet, em maio de 2024

Para os agricultores a **Borboleta** também adivinha quando o inverno vai ser bom “quando entra pra dentro de casa é chuva” (Agricultora Marluce, 2023).

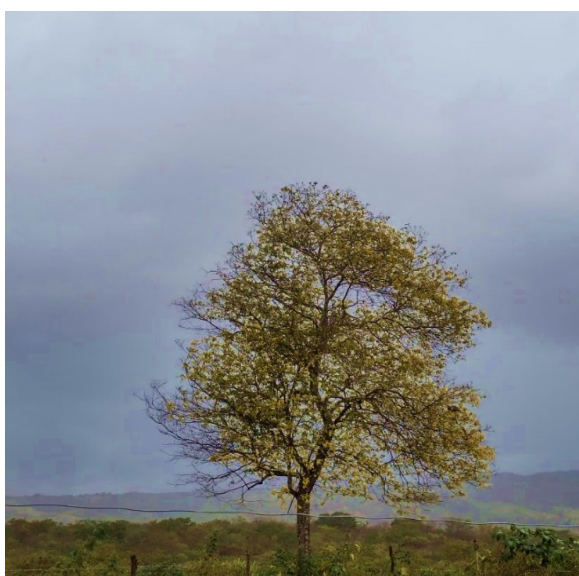
**Figura 34** - Borboleta que adivinha chuva



**Fonte:** foto retirada da internet, em maio de 2024

O **louro pardo** é uma espécie de árvore nativa da América do Sul “quando o pé de louro tá fulorando [florindo] é o fim do inverno” (Agricultora Marluce, 2023). A [figura 30] foi tirada no terreiro da casa da minha mãe, na comunidade Chapada, lembro que o meu pai se sentava em uma cadeira em frente a porta da cozinha e com o olhar descontente para essa árvore que está florindo, dizia: “é... o inverno tá acabando”.

**Figura 35** - Árvore do louro pardo florindo



**Fonte:** arquivo pessoal, 2023

Além disso, outras experiências também foram citadas, a exemplo das formigas quando fecham a entrada do formigueiro com os paus. O agricultor Arimatéia relatou, que: “esse ano as formigas tão com a boca do formigueiro tudo tampado [fechado] de pau.” Quando isso acontece é sinal de que o inverno vai ser bom, pois “elas tampam a boca do formigueiro por causa da chuva, quando vai passar 3 ou 4 dias sem chover elas tiram os paus, deixa a boca bem limpinha. Aí quando a chuva vem ela fecha a boca do formigueiro e deixa só a brechinha delas entrar” (Agricultor Arimatéia, 2023). O sr. Arimatéia exalta a inteligência do inseto ao dizer que “as formigas são mais sabidas do que uma pessoa.”

Segundo ele, “até agora [7 de janeiro de 2023] não teve nenhuma experiência mostrando que o inverno vai ser ruim”. Ele cita ainda a experiência das abelhas pretas.

Quando elas permanecem no lugar e não vão embora, isso indica que o inverno será bom, porque elas costumam ficar em lugares onde possui água, assim, se forem embora significa que o lugar vai ser seco.

A crença nesses saberes são permanentes e guiam as ações dos agricultores.

O sr. Arimatéia relata uma história acerca disso:

“Em 2012 tinha uma moita [árvore] de jurema que vai pra o açude bem verdinho, no mês de novembro por aí... Aí eu tinha colocado o gado dessa roça. Aí eu disse: O que danado tem naquela jurema que o gado não come”. Cheguei lá era um chapéu [colmeia] de marimbondo caboclo, tava preto. Aí eu deixei pra lá e vim pra casa. Aí quando foi com oito dias, eu olhei a moita de jurema tava sem nem uma folha, só o garrancho porque o gado tinha comido, aí eu disse: vou lá olhar, quando cheguei tava só a capa delas [colmeia sem abelhas], aí o gado tinha comido a jurema. Aí um dia eu colocando água era preto de abelha, aí quando foi com três dias não tinha uma abelha pra remédio [expressão usada para dizer não havia nada]. Aí eu disse: mais rapaz... esse ano vai seco, seco torrando. Aí um conhecido meu ia passando e disse: Quanto é esse moi de vaca magra, aí eu disse: desça aí pra nós fazer negócio, aí vendi tudo por causa da experiência. [...] aí eu disse a Carminha (esposa): ajeite minhas roupas que semana que vem eu vou pra Mato Grosso. [...] só fui descer na rua comprar a passagem e desabei. Aí só vi o sofrimento da seca aqui passando na televisão. Teve gente que vendeu vaca por 50 reais.”

Devido ao longo período vivendo com a agricultura, o agricultor familiar também desenvolve saberes que ajudam a criar estratégias acerca de como identificar se a espiga do milho está boa para consumir e fazer as pamonhas, canjica etc., e maneiras de cooperar com o bom desenvolvimento da espiga. Dona Marluce, agricultora “nascida e criada na roça”, conta que “quando a espiga murcha o primeiro cabelo não tá boa, só tá boa quando seca o segundo cabelo. Aí a gente pode tirar”. Quando a espiga de milho ainda está com o primeiro cabelo indica que os grãos ainda não estão completamente formados, o amadurecimento ocorre após a segunda secagem do cabelo. “A gente costuma tirar sempre tirar o pendão do pé de milho pra reforçar a espiga e ficar maior” e “quando vamos plantar sempre deixamos dois palmos pra cada cova, porque se o milho ficar junto as espigas crescem ruim, tem que ter o espaço” e “as sementes têm que ter a quantidade certa de colocar, o feijão é de 3 a 4 e o milho é de 4 a 5”.

## 5 HISTÓRIA DE VIDA DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

A história de vida é “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. (Chizzotti, 2011, p. 101 apud Burger e Vituri, 2013).

Essa técnica é importante na pesquisa, pois reúne “forças e potencialidades especiais”. Ela permite dar voz aos diferentes grupos que têm suas histórias silenciadas, como no caso das “mulheres, trabalhadores que não estão organizados em sindicatos, os muito pobres, os deficientes, os sem-teto ou grupos marginalizados”, assim também, “os povos indígenas, as comunidades rurais de ex-escravos que viviam nos quilombos e, acima de tudo, as famílias das favelas das grandes cidades” (Thompson, 2002, p. 17).

Com o intuito de obter experiências com o semiárido, busquei ouvir os relatos de agricultores mais velhos que vivem nesta região. Ao longo desse capítulo também irei externar a minha vivência como agricultora e membro da comunidade Chapada desde que nasci. Dessarte, trago à memória recordações da minha adolescência junto aos meus pais e meus 5 irmãos, na zona rural de Imaculada, Paraíba. Meu pai e minha mãe são “nascidos e criados no sítio” como diziam eles. Sempre trabalharam como agricultores familiares, plantando, criando animais, e mantendo relação com a natureza. Nunca se mudaram para outro lugar, mesmo diante das dificuldades que encontravam, pelo fato de morarem distante da cidade.

Desde quando éramos pequenos, meu pai me ensinava e meus irmãos acerca da agricultura. Ele levava a gente para a roça, em um horário que não atrapalhasse a escola, para plantarmos e, posteriormente, “catar” [colher] o feijão. Ele sempre expressava acerca da importância que a terra dispunha e a alegria de viver naquele lugar, cultivando a terra e comendo os frutos do seu trabalho. Marinho (2007, p. 476), destaca a importância da valorização do local, da diversidade cultural, da recomposição e afirmação de identidades e territórios”, na medida em que ele liga esse caráter identitário ao conceito de sítio como

um espaço de crenças e práticas ajustado às circunstâncias locais. Sua transversalidade articula a cultura dos atores da situação, com a sociedade e o meio ambiente. Contrariamente à exclusiva visão de mercado que subtrai o homem do seu ambiente social, o sítio o inclui e o vincula a suas raízes (ZAOUAL, 2003, p. 95 apud Marinho, 2017).

Meu pai sempre expressava suas raízes, reconhecendo o sítio como o seu lugar de vida. Isso não se tornou algo característico só dele, mas foi repassado para os filhos.

Devido o lugar possuir o clima semiárido houve muitos momentos em que foi preciso lidar com a falta de chuva e, conseqüentemente, com a escassez da produção agrícola, quando dialoguei com agricultora Marluce, ela me narrou a experiência de viver a seca ocorrida no ano de 2012, uma das secas mais longas que já ocorreu no semiárido brasileiro.

Segundo ela, o seu esposo tinha poucos gados, os quais foram sustentados com palmas e agaves que haviam plantados no roçado, essas plantas são resistentes à seca, bastante cultivados pelos agricultores que vivem nessa área. A **figura 36** abaixo exhibe a plantação de palma na roça que pertence a minha mãe.

**Figura 36** - Plantação e corte de palma para o gado



Fonte: pesquisa de campo, 2023



“O açude aqui secou, aí a gente tinha que ir “ver” [buscar] água lá no Garra, no açude de Renildo. Zé [marido] pagava pra o povo ir buscar a água nos carros de boi”. Apesar de ela relatar que nesse período já havia na comunidade a cisterna cadastrada com a primeira água do Governo Federal, ainda passava muita dificuldade junto à sua família, pois

Cada pessoa só podia pegar 5 latas de água e o uso era só pra beber e cozinhar, não podia tomar banho, nem lavar roupa com ela. Aqui na minha casa tem a cisterna cadastrada, mas não era só pra o povo de casa, a vizinhança pegava água aqui, mas era disponibilizado pouca água.

Para realizar as lavagens de roupas era preciso que todas as mulheres se deslocassem para outras comunidades, algumas delas iam no carro-de-boi, mas a maioria andava a pé já que não tinham nenhum transporte:

“As roupas nós lavava no açude do Garra também, a gente acordava bem cedinho, Zé levava o saco de roupa e eu levava as bacias. Era as mulheres tudinho que iam, algumas ia de carro de boi com os maridos, e quem não tinha ia a pé mesmo. Zé tinha uma sobrinha que morava lá, aí a gente almoçava na casa dela e ficava esperando as roupas secar. Quando secava, pegava e voltava a pé. Eu também já fui lavar roupa em Palmeira [Distrito de Imaculada-PB]. A gente juntava um monte de mulher em um carro, acho que era umas 10, e ia. Era no açude do Xerém” (Agricultora Marluce, 2023).

Recordo-me que foi construído, pelos moradores da Chapada, alguns batedores [apoio de madeiras para lavar roupas] perto do açude para facilitar a lavagem dessas peças. Nessa época, acredito que até 2011, aproximadamente, nenhuma das mulheres possuía máquinas de lavar. Os batedores, como é chamado no lugar da pesquisa, são como mostra a **figura 37**:

**Figura 37** - Mulheres lavando roupas em tanques improvisados



**Fonte:** figura retirada da internet, em maio de 2024.

Atualmente, nos terreiros de algumas casas da comunidade ainda existem esses batedores e são utilizados.

Na época, quando não havia a cisterna da primeira água, eu e meus irmãos acordava de manhãzinha, pegava as latas e ia buscar água no açude para beber, todos os dias enchíamos os potes. À tarde, a gente buscava água para tomar banho. Todos os dias era essa a rotina.

Segundos os relatos das agricultoras da Chapada, a seca de 1993 também foi uma das mais prejudiciais

“O tempo que mais sofri foi na seca de 1993, e a fome também vinha junto. Eu passei tanta fome que todo mês quando eu comecei a menstruar, ficava tão fraca que desmaiava e quando acordava estava nos hospitais tomando soro”

“Tinha dias que os menores almoçavam e só ia comer no outro dia e os maiores não comia de jeito nenhum. Tinha dias que havia folhas de umbu, eu ia procurar para os meninos comerem.” (Trecho da entrevista realizada por Pereira com mulheres da comunidade Chapada, 2021, p. 38).

A fome era muito presente, não havia políticas públicas e os auxílios governamentais não atendiam a todas as necessidades. Segundo o agricultor, Francisco (2013), “em 93 e 2012 foi uma seca pesada, foi obrigado a vender os gados quase tudo porque não tinha água e nem pasto, precisou comprar legumes”. E, acrescentou, “naquele tempo existia as cacimbas, buscava no saquinho (sítio), ia

buscar no Garra, era longe, ia de carro-de-boi. Lavava a roupa no albino, ia de madrugada no carro de boi, naquele tempo não tinha moto”.

Para a agricultora Josemere (2023), “a dificuldade maior é no tempo da estiagem, porque no tempo do inverno tudo é favorável. A estiagem é o tempo do sofrimento, mesmo que ainda tenha água na cisterna, falta para os animais. O tempo pior aqui [comunidade] é na seca.” Ela relata que “quando o açude secou eu me reuni com a família do meu marido e comprávamos pipa de água pra os animais, tomar banho e cuidar nos serviços de casa e para beber a gente pegava na cisterna da vizinha que é cadastrada pelo exército”.

No momento presente, nota-se que épocas como está foi motivam a mudança na forma de se organizarem: “graças a Deus a gente vem controlando para que no outro ano não seja desmantelado, sempre guarda os legumes” (Francisco, 2023).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar as estratégias de vivência dos agricultores familiares para assegurar o sustento da família e/ou da comunidade a qual pertencem. Com base nessa perspectiva, buscamos conhecer de forma mais ampla o contexto histórico da comunidade Chapada (Imaculada-PB), apresentar as atividades econômicas que geram sustento para essas famílias, mapear as estratégias que são utilizadas em tempos de seca e estiagens, levando em consideração o contexto semiárido no qual estão inseridos, e explorar as relações de cooperação e afetividades estabelecidas dentro da comunidade.

Todo o processo de desenvolvimento das práticas agrícolas é realizado pelos agricultores em conjunto com a unidade familiar. Não há separação entre a terra, o trabalho e a família. Embora essas tarefas sejam indispensáveis, não são as únicas que mantêm o sustento do grupo, também há a combinação das atividades não-agrícolas para a complementação da renda, seja por meio dos serviços prestados em roças a vizinhos ou através dos trabalhos informais.

Diante disso, verificamos que, devido às chuvas na região semiárida serem irregulares e distribuídas de forma desproporcional, os produtos cultivados por esses agricultores são afetados consideravelmente, deixando-os à mercê próximo ano de inverno. Percebe-se que ainda há uma lacuna com relação a uma educação contextualizada que aprofunde acerca dos conhecimentos próprios da realidade do Semiárido, que ajude os agricultores a reservar a água de forma adequada sem desperdiçá-la, utilizar culturas que sejam resistentes ao clima, a plantarem determinadas sementes de forma apropriada etc., apesar de alguns terem consciência disso, não é algo que todos priorizam.

Por fim, foi constatado que as estratégias que esses pequenos produtores rurais encontram para se apoiarem diante do contexto no semiárido, são elas: 1ª praticar a pluriatividade como uma forma de complementar a renda familiar; 2ª fortalecer os vínculos de cooperação e afetividade com os vizinhos a partir da convivência e dos mutirões; 3ª participar associações comunitárias; 4ª utilizar os seus saberes populares relacionado ao inverno e as plantações como uma estratégia de convivência com o lugar.

## REFERÊNCIAS

ADUBAÇÃO COM ESTERCO BOVINO: UM DESTINO INTELIGENTE PARA OS RESÍDUOS DA PRODUÇÃO. (premix.com.br). Disponível em: <https://premix.com.br/blog/adubacao-com-esterco-bovino/> Acesso em: 18 fev.2024 às 16h.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá, que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; LEAL, Alessandra. **COMUNIDADE TRADICIONAL: conviver, criar, resistir**. Revista da ANPEGE, v. 8, n. 9, p. 73-91, jan./jul. 2012.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. Mana 17(1): 161-15, 2011.

BURGER, Ednéia Regina; VITURI, Renee Coura Ivo. **Metodologia de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais: História de vida como estratégia e história oral como técnica – algumas reflexões**. Ednéia regina Burger; Renee coura ivo Vituri. outubro/2013

**Borboleta que adivinha chuva.jpg** disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/ej5hVbIsJqc/maxresdefault.jpg?sqp=-oaymwEmCIAKENAF8quKqQMa8AEB-AH-CYAC0AWKAgwIABABGGUgXihJMA8=&rs=AOn4CLAGpq0AcoVsMw4gPtmhEIgRxgHzPA>

BRANDÃO, Carlos Rodrigue; Maristela Correa Borges. **O LUGAR DA VIDA Comunidade e Comunidade Tradicional**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-23, jun., 2014.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Edusp/Ouro sobre Azul, 2017.

CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social** / Irio Luiz Conti e Edni Oscar Schroeder (organizadores). Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAURGS/ REDEgenteSAN / Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade – IABS / Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS / Editora IABS, Brasília-DF, Brasil - 2013.

CARNEIRO, Maria José. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Originário da tese de doutorado defendida na UFRGS em dezembro de 1999, o livro de Sergio Schneider foi publicado pela editora dessa universidade no começo de 2003.

CARVALHO, Joelson Gonçalves de. **Economia Agrária**. volume único / Joelson Gonçalves de Carvalho. – Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015.

**Cigarra.jpg** Disponível em: <https://th.bing.com/th/id/OIP.n-zfoLrZudJDHb-WxtZSAwHaE7?rs=1&pid=ImgDetMain>

**Casa dos pássaros. Jpg** Disponível em: <https://casadospassaros.net/wp-content/uploads/2016/12/Joao-de-Barro.jpg>

DONATON, Gabriela. **Estratégias de reprodução social e econômica em pequenas unidades produtivas rurais: o caso dos bairros rurais** 1º de maio/Timburi e Ponte Alta/Córrego da Onça no Município de Presidente Prudente (SP). 122f. Monografia (Bacharel em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2013.

ESCHER, Fabiano; SCHNEIDER, Sérgio; SCARTON, Maria. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 52, Nº 04, p. 643-668, out/Dez 2014 – Impressa em janeiro de 2015. Fabiano Escher<sup>1</sup>, Sergio Schneider<sup>2</sup>, Luciana Maria Scarton<sup>3</sup> e Marcelo Antônio Conterato<sup>4</sup>

**Embuá.jpg** Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/AWC9ppgjbVk/hqdefault.jpg>

**FAO - Food and Agriculture Organization**. FAO Land Tenure Notes: Leasing Agricultural Land. 2004. Roma.

FONSECA, Claudia. **O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’**. Juiz de Fora V.2/N.1 e 2 Jan/Dez 2008

Grisa, Cátia; Schneider, Sérgio, 2008. **“Plantar pro gasto”**: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. RER, Piracicaba, SP, vol. 46, nº 02, p. 481-515, abr/jun 2008 – Impressa em junho 2008.

GRISA, Cátia; SCHNEIDER, Sérgio. **Três Gerações de Políticas Públicas para a Agricultura Familiar e Formas de Interação entre Sociedade e Estado no Brasil**. Cátia Grisa<sup>1</sup> e Sergio Schneider. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S125-S146, 2014 – Impressa em fevereiro de 2015.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. Copyright © 2013, Beatriz Maria Alásia de Heredia. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil**. Copyright © 2013 desta edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Ano da última edição: 1979, Editora Paz e Terra

MORRISON, Chandra E. F. **Depois que a chuva não veio: respostas sociais às secas no Nordeste**, na Amazônia e no Sul do Brasil / Renzo Taddei e Ana Laura Gamboggi (Orgs.). - Fortaleza: FUNCEME; CIFAS, 2010. 264p.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007. (Pensar Brasil)

MARINHO, Roberto. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, nº 3, jul-set. 2007

MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani. Universidade de São Paulo – Brasil. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**, 1988. Editora Ática S.A. – Rua Barão de Iguape, 110. 2ª edição, São Paulo.

PEREIRA, Priscila Souza. **Mulheres na luta pela água: construções do desenvolvimento no semiárido paraibano**/ Priscila Souza Pereira. -2021.

POUPART, Jean; et al (orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

**Planta embiratanha. Jpg** Disponível em:  
<https://i.ytimg.com/vi/CLtqZWgQ7TY/maxresdefault.jpg>

**Lavadeiras e donas de casa lavavam roupa nas águas do rio**. Disponível:  
<https://3.bp.blogspot.com/-uW5psS2cwLo/VAzaMOA4xQI/AAAAAAAAXYw/oM-iVKX1N-0/s1600/mulheres%2Blavando%2Broupa%2Bno%2Barroio.jpg>

POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular: Cultura e religião no Brasil**. Curitiba: Ed Nossa Cultura, 1.152p. 2013

RAMOS, Mariana Oliveira. 2007. **"A comida da roça" ontem e hoje: um estudo etnográfico dos saberes e práticas alimentares de agricultores de Maquine (RS)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar** / Sergio Schneider. - 2. ed. - Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

SILVA, Aucilene Rodrigues da. **O modo de vida camponês: apontamentos a partir da comunidade Caldeirão em Brejinho – PE**. 2022. 68f.

**O fim do campesinato?** In: Via Campesina do Brasil: um referencial para o campesinato no Brasil (versão preliminar). Curitiba, 2004.

SUASSUNA, João. **Semiárido: proposta de convivência com a seca**. Cadernos de Estudos Sociais. v. 23, n. 1-2, p. 135-148, jan./dez. 2007.

Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.  
METODOLOGIA

RAMBO, José. Roberto Rambo<sup>1,2</sup>, Maria Aparecida Anselmo Tarsitano<sup>1</sup> e Gilmar Laforga. **Agricultura familiar no Brasil, conceito em construção: trajetória de lutas, história pujante**<sup>3</sup>. Revista de Ciências Agroambientais Alta Floresta, MT, UNEMAT – ISSN 1677-6062 v.14, n.1, p.86-96, 2016.

KESCÜLA, Eeva (2018). **Perspectivas antropológicas sobre o trabalho: conceitos, abordagens clássicas e transformações**. Tradução: Marins, Cristina

Teixeira. Revista Antropológica, v.54, n.2, Niterói, p. 436-450, 2. quadri., mai./ago.,2022.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso**. In: Froehlich, J.M.; Vivien Diesel. (Org.). Desenvolvimento Rural - Tendências e debates contemporâneos. Ijuí: Unijuí, 2006.

SILVA, Raimunda Pereira da; MOREIRA, Antônio Domingos; OLIVEIRA, Júlia Maria da Silva. **Saberes Populares: A agricultura familiar presente na comunidade do cabeça, Serra de Itiúba, Bahia**. Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional (POLIGES) - UESB-Itapetinga. ISSN: 2763-5716 – Ano 2022, vol. 3, n. 1, jan. – jun. de 2022.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e pluriatividade**. In: A pluriatividade na agricultura familiar [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Estudos Rurais series, pp. 73-108.

SCHNEIDER, Sérgio. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. Sérgio Schneider. RBCS Vol. 18 nº. 51 fevereiro/2003.

SCHNEIDER, Sergio; CONTERATO, Marcelo Antonio; KOPPE, Leonardo Renner; Carolina Castilho e Silva. **A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul**. Capítulo do Livro “A Diversidade da Agricultura Familiar”. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2006, p. 137-165.

SILVA, Aline Almeida d. Kátia Reis de Souza. **Educação, Pesquisa participante e saúde: as ideias de Carlos Rodrigues Brandão**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 12 n. 3, p. 519-539, set./dez. 2014.

MANÇADO, Bernardo Fernandes; MEDEIROS, Leonilde Servolo de Medeiros; PAULILO, Maria Ignez. **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v.2: a diversidade das formas das lutas no campo/Bernardo Mançano Fernandes, Leonilde Servolo de Medeiros, Maria Ignez Paulilo (orgs.). – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

THOMPSON, P. **História oral e contemporaneidade**. Tradução de Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. HISTÓRIA ORAL, 5, 2002, p. 9-28.

SILVA, Juliana Hermenegildo da; LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Programa São João do Nordeste: O espetáculo junino e a representação da cultura nordestina nas quadrilhas juninas**<sup>1</sup>. Trabalho apresentado no GT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. XX Encontro Anual da Anpocs. gt 17. processos sociais agrários. caxambu, mg. outubro 1996.



MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. **Comida: identidade, tradição e cultura enraizada nas manifestações do catolicismo em Sergipe**. Sônia de Souza Mendonça Menezes. Universidade Federal de Sergipe. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 8, n. 2, p.274-289, ago/2014.